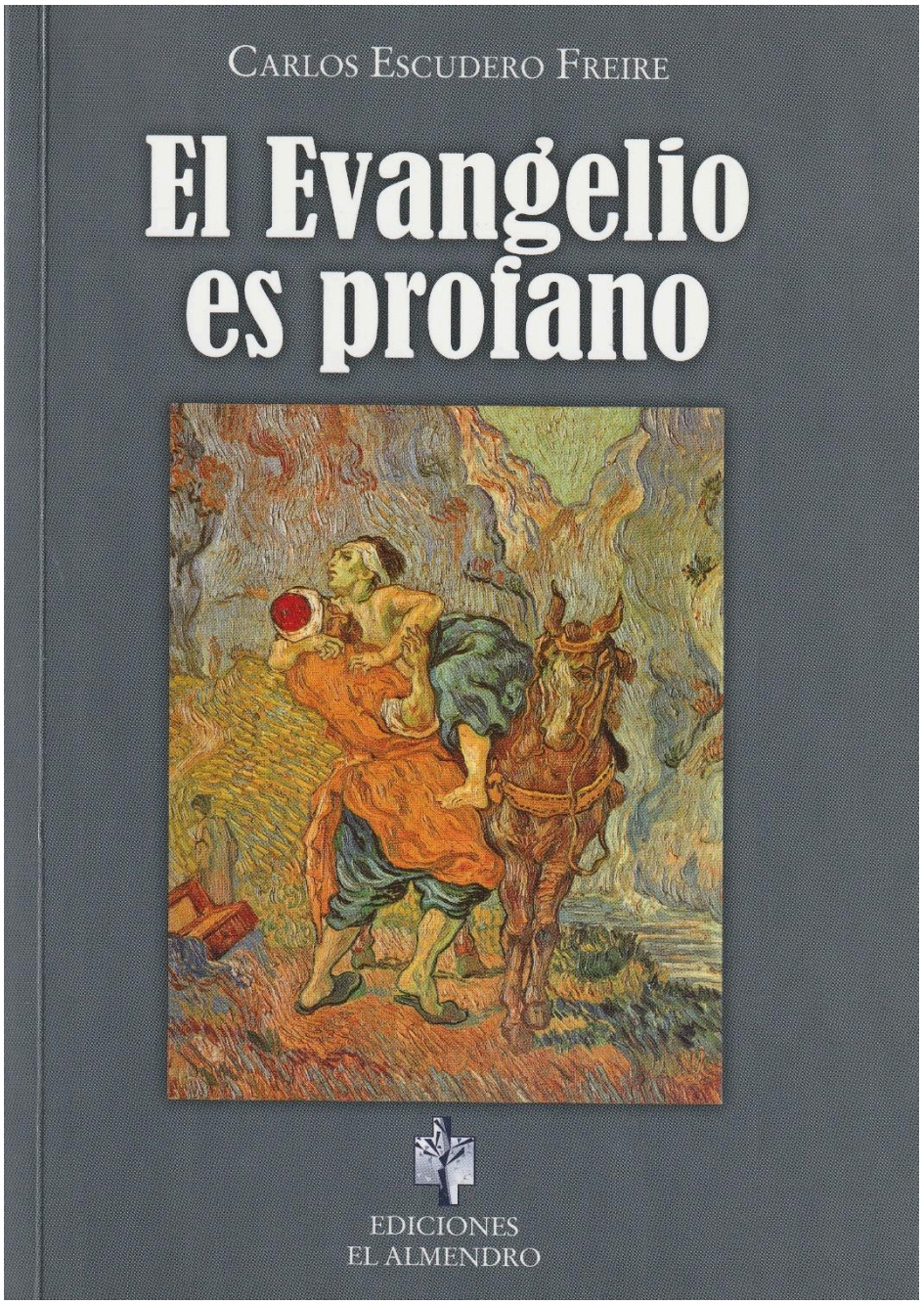


O ESPÍRITO DE DEUS E A SUA ACÇÃO

O ESPÍRITO DE DEUS E A SUA ACÇÃO

1. JESUS POSSUI A PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO.

Sendo assim, faz sentido encarar Jesus como *A Nova Criação*, *O Homem em Plenitude* e *O Filho de Deus* único e transcendente [Lucas 1,26-38]

De entre todas as manifestações do Espírito Santo, aquela que adquire maior transcendência é a que faz de nós filhos de Deus e nos torna conscientes de que verdadeiramente o somos. Tal acontecimento é produzido ao longo de um novo nascimento, o qual advém da intervenção do Espírito de Deus. *Tudo isto acontece porque é obra de Jesus, que recebe a plenitude do Espírito aquando da sua concepção e, uma vez ressuscitado, no-lo transmite a nós*. No entanto, quando nos referimos à pessoa de Jesus, não falamos de novo nascimento, mas de nova Criação. Muito menos dizemos que ele é filho de Deus, antes dizemos: ele é "O Filho de Deus".

Vejamos o relato da Anunciação e a objecção de Maria ao anjo:

«"Como será isso, se eu não conheço homem?" O anjo respondeu-lhe: "O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus."» (Lucas 1,34-35)

A objecção de Maria e a resposta do anjo colocam-nos, em primeiro lugar, diante d'*a absoluta novidade de Jesus*: nada de semelhante acontecera até então. Ainda que Jesus vá começar a existir no ventre de Maria como comummente acontece a

qualquer mulher – consequência de uma fecundação com esperma masculino – , o que é um facto é que, desta vez, *o Espírito Santo intervirá de maneira absolutamente nova* de modo a que, no ventre de Maria, Jesus surja com uma prerrogativa única: *ser a nova criação*. Dá-se, assim, ***um salto qualitativo na história humana*: Jesus é a oferta mais preciosa de Deus à humanidade.** Eis a razão porque o Espírito Santo surge a intervir directamente na concepção, de modo que fique claro que, com Jesus, se inaugura *o novo* e *o definitivo* na história da salvação.

Esta afirmação de Lucas estabelece a mesma antítese que o evangelista João refere de outro modo:

«*Nascido da carne – nascido do Espírito*» (João 1,13; 3,6)

João não nega o nascimento da carne, mas nestas referências textuais prevalece o nascimento a partir do Espírito, o que confere a Jesus as suas principais prerrogativas e, de entre elas, a de se manifestar como *radical novidade a inaugurar a época definitiva da salvação*.

É muito importante dizer que no texto de Lucas 1,34-35, acima citado, prevalece o significado 'nascido do Espírito', mas nele (no caso de Jesus) não se nega o processo sexual vulgar da concepção, nem muito menos se nega a sua *condição humana*. Nesta passagem do texto da *Anunciação*, no terceiro evangelista, ele pretende sublinhar *a condição divina de Jesus*, tal como o indica o título "o *Filho de Deus*", enquanto que ao mesmo tempo a plenitude do Espírito Santo que Jesus possui avaliza esse título.

S. Paulo, por mais de uma vez, expressa a fé e o sentimento da igreja primitiva na *condição divina* de Jesus; no entanto, nesta passagem que vou transcrever, Paulo coloca o acento na sua *condição humana* – nascido da carne:

– "*Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus: Ele, que é de condição divina, não considerou como*

uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem…" (Filipenses 2,5-7)

O texto da Anunciação que acabamos de comentar (Lucas 1,34-35) encerra uma reflexão profunda de difícil compreensão sobre a verdadeira personalidade de Jesus que nasce no ventre de Maria como *a nova criação*. Acontece que Lucas, ao falar da intervenção do Espírito Santo e desde o começo da sua obra, toma como ponto de referência primordial *a primeira criação* narrada no primeiro capítulo do livro do Génesis. Para Lucas, tudo o que foi 'vindo à existência' aconteceu sob a presença e a acção criadora do Espírito de Deus:

«*No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas*.» (Génesis 1,1-2)

Neste texto do Génesis e no da Anunciação, o Espírito de Deus surge como uma força criadora. Na narrativa da Anunciação, o Espírito Santo é igualmente denominado *força do Altíssimo* (Lucas 1,35). A primeira criação, que culmina na criação do ser humano, ficara incompleta e nunca fora definitiva. **Com Jesus – '*O Filho de Deus*' – inaugura-se uma nova criação que é definitiva**. Nesta, a acção do Espírito de Deus será fundamental: passo a passo ao longo do Caminho a que Jesus se propôs. Todo o ser humano que adira à pessoa de Jesus fará parte desta nova criação, pois será forçoso ter "nascido de novo" pela acção do Espírito Santo. É isso que S. João afirma no seu evangelho:

«Jesus replicou ao fariseu Nicodemos, um dos chefes dos judeus: "*Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o Reino de Deus*."» (João 3,3)

Acabamos de ver que, em Lucas 1,35, Jesus recebe a plenitude do Espírito Santo desde o princípio da sua concepção. Esta plenitude surge segundo duas vertentes: por um lado, consagrando-o e, por outro, dispondo-o para a tarefa messiânica visando directamente (ainda que não exclusivamente) o povo de Israel. É este o sentido das palavras que Lucas usa quando escreve, a propósito de Maria:

«*Uma jovem prometida a um homem chamado José, da estirpe de David*» (Lucas 1,27)

E umas linhas mais abaixo, referindo-se a Jesus, afirma:

«*Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim*.» (Lucas 1,32-33)

Aqui, o evangelista Lucas regista o pensamento dos 'chefes do povo' e do próprio povo de Israel, no que dizia respeito à vinda do Messias. Acontece que a verdade é outra: **o reinado de Deus, proclamado por Jesus, não tem nada a ver com o reinado de David e dos demais reis de Israel**. Ao receber a plenitude do Espírito Santo, Jesus fica investido como *Messias*, mas o reinado de Deus que ele proclama irá ser qualitativamente distinto do dos reis de Israel que reinaram tiranicamente sobre o seu próprio povo, atropelando os mais pobres e os indefesos. Além do mais, ***para Jesus o reinado de Deus tinha as portas abertas a todos os povos da terra***. O atributo 'santo' (Lucas 1,35), que significa "consagrado", procura estabelecer um nexo messiânico com o povo judeu. Acontece que esta expressão 'santo' é proferida mas está sujeita à *condição transcendente de Jesus*, já que, no Antigo Testamento, '*Santo*' é uma expressão dirigida exclusivamente a

Deus[1]. Para além disso, pela acção do Espírito Santo, Jesus também recebe a plenitude da vida em Deus: «será chamado Filho de Deus» (Lucas 1,35), título que abarca o universalismo da missão de Jesus. Portanto, na Anunciação, por força da acção do Espírito Santo, Jesus surge como o Homem total, homem em plenitude, na medida em que ele é a nova criação. Jesus torna-se o referente da humanidade, pois sempre que qualquer um de nós se encontra sob a acção do Espírito Santo irá, passo a passo, alcançando a sua própria plenitude.

Jesus é também o Filho de Deus de um modo único e em sentido pleno e transcendente. Por isso podemos dizer que Jesus pertence à esfera do divino. Dessa plenitude participam de modo muito especial os crentes, na medida em que, ao dar-lhe o nosso consentimento, recebemos o seu Espírito que nos transforma em homens novos e, ao mesmo tempo, nos faz filhos de Deus. Dito de outro modo, ***Jesus, através do seu Espírito, comunica-nos a vida de Deus, já que ele a possui em plenitude***.

Ao longo da reflexão que fizemos acerca da *Anunciação* não deparamos com nenhum tipo de mediação sagrada. **Andamos sempre e apenas dentro do âmbito do transcendente**. A intervenção do Espírito de Deus em Jesus e em nós – seus seguidores – estabelece-se de maneira directa e totalmente gratuita, sem intervenção sagrada alguma. E isto é tanto mais decisivo quanto estamos a falar dos aspectos mais fundamentais da relação de Jesus com os seus discípulos!

---

[1] [197] Sobre a transcendência do termo 'santo' em Lucas 1,35 e sobre a sua aplicação apenas a Deus no Antigo Testamento, consulte: C. Escudero Freire, «*Devolver el Evangelio a los pobres*», Ed. Sígueme, 1978, 136-171, sobretudo as páginas 168-171, nº 8: "*Alcance del término «santo» en Lucas 1,35*"; R. Laurentin, «*Structure et théologie de Luc I-II*», Paris, 1957, 51. S. Lyonnet, «*Le récit de l'annonciation*», em "Marie in Sacra Scriptura IV", Roma, 1967, 61, nota 5.

2. O PRÓLOGO DO QUARTO EVANGELHO: JOÃO 1,1-18

Aquilo que acabamos de analisar, a partir da narrativa da *Anunciação*, voltamos a encontrar de novo, ainda que de maneira mais desenvolvida e mais profunda, no que diz respeito aos aspectos fundamentais e decisivos, no *Prólogo* do Evangelho de João. Convém deixar desde já claro que este *Prólogo* contém os assuntos essenciais do quarto Evangelho. João começa a falar da *Palavra* (expressão que ele identifica com Deus) e do seu projecto criador[2].

O prólogo do quarto Evangelho

«No princípio existia a Palavra; a palavra dirigia-se a Deus; e a Palavra era Deus» (João 1,1)

---

[2] [198] A expressão 'palavra' – em grego "*logos*" – reúne em si dois conceitos muito importantes do AT: o da *palavra criadora* que é referida no primeiro capítulo do livro do Génesis: «*E Deus disse … e assim foi*» e o da *sabedoria criadora* que pré-existe à criação e que constitui o projecto de Deus que se vai realizar: a este respeito, consulte Provérbios 8,22-24; «*Quando Ele formava os céus, ali estava eu* [a Sabedoria]», 8,27; Livro de Ben Sira ou Eclesiástico 1,1.9: "*Toda a sabedoria vem do Senhor e está com ele eternamente. **O Senhor** em pessoa a criou … **a derramou sobre todas as suas obras***". O Livro da Sabedoria, quando fala da *Sabedoria de Deus*, faz afirmações como estas: "…*Ela é **um sopro do poder divino***" (Sabedoria 7,25); "***ela é confidente do poder divino** e é ela quem selecciona as suas obras*" (Sabedoria 8,4); "*contigo está a sabedoria, que conhece as tuas obras, ao teu lado estava, quando fazias o mundo*…" (Sabedoria 9,9 expressão referente ao «Deus dos nossos pais e Senhor de misericórdia, que tudo criaste pela tua palavra, que formaste o homem pela tua sabedoria…», cf. v. 1). NOTA PB: Quem puder mergulhar no "Nuevo Testamento" − versão bíblica, em castelhano, saída das mãos de Juan Mateos e L. Alonso Schökel (Ediciones Cristiandad, Madrid 1987, p. 438-439ss) − ficará atónito com as novidades face à versão da Bíblia em português, da Difusora Bíblica. Atónito, precioso e exultante!

«Por ela é que tudo começou a existir; e sem ela nada do que existe veio à existência» (João 1,3)

João, na parte central do *Prólogo*, identifica a Palavra com Jesus, o qual surge assim como que o *Homem-Deus*, como a nova criação (João 1,14). Por isso, Jesus está destinado a realizar, de modo definitivo, o projecto criador de Deus dentro da história humana. O quarto evangelista sintetiza esta rica e insondável realidade numa frase magistral:

– **"E a Palavra se fez homem"** (João 1,14).

A Palavra, que é criadora, ao tornar-se homem em Jesus, não perde o seu poder criador e, assim, Jesus surge como a nova criação com poder para gerar filhos de Deus. **É o novo nascimento de que nos falava João no seu evangelho**.

A Palavra que se faz homem também significa que *na pessoa de Jesus se fundem a plenitude de Deus e a plenitude do ser humano* e é por isso que a Jesus [homem] se atribui a principal prerrogativa de Deus: a sua "glória" (João 1,14). "Por partilhar a glória com o seu pai se diz que Jesus é o Filho único do Pai, e que está cheio de amor e lealdade" (João 1,14).

Ao aderirmos a Jesus, recebemos o Espírito Santo e com ele um novo nascimento que nos credita como filhos de Deus. Por Jesus ser o *Homem-Deus*, ele tem a capacidade de nos tornar também a nós *filhos de Deus*, caso adiramos à sua pessoa:

– "A quantos o aceitaram, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (João 1,12).

Para os que creem em Jesus, isto pressupõe um novo nascimento (João 1,13). Com efeito, falando daqueles que mantêm a adesão à pessoa de Jesus (João 1,12), o quarto evangelista afirma que esses *não nascem da vontade de um homem, mas sim de Deus* (João 1,13).

Não há dúvida que todos nós os que aderimos a Jesus nascemos por vontade e do impulso da carne de um homem e da permissão de uma mulher, mas o que aqui se quer realçar é *a novidade do novo nascimento* que resulta da adesão a Jesus.

É o que João expõe, ainda no Prólogo, da seguinte maneira: o quarto evangelista afirma que acolher ***a*** Palavra, aceitá-la, ou conceder adesão à pessoa de Jesus tem como consequência tornar-se filho de Deus:

"[a Palavra] Veio para a sua casa – o Povo de Israel –, mas os seus não ***a*** receberam. Mas, a quantos ***a*** receberam, aos que ***nela*** creram, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, a esses que mantêm a adesão ***à sua pessoa***. [esta frase *marcada* não consta da versão portuguesa da Difusora Bíblica…] Estes que a ***ela*** aderiram não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem do desejo de um homem, mas sim da vontade de Deus." (João 1,11-13)

O paralelismo com o relato da Anunciação é notável. Aqui, tal como na Anunciação, o contraste estabelece-se entre *nascer de Deus* e *nascer dum macho*; tanto aqui como na Anunciação, realça-se a importância do primeiro nascimento. Há apenas um dado a mais: *no Prólogo de João existe a novidade que consiste em que, aqueles que acolhem* ***a Palavra***, *a aceitam dentro de si ou lhe prestam adesão têm como consequência "tornarem-se filhos de Deus"*.

Nestes três versículos (João 1,11-13) comprovamos a identificação entre ***a Palavra*** – expressa nos versículos 11 e 12 através do pronome ***a*** – e ***a pessoa de Jesus*** (João 1,13). (na versão portuguesa, a expressão castelhana "la Palabra" surge sob a forma de "o Verbo"). «Refere-se uma adesão pessoal a Jesus …, e uma aceitação da vida que ele nos comunica enquanto Palavra criadora. ***João não pede adesão a uma ideologia nem a***

uma verdade revelada, mas a uma pessoa enquanto modelo a seguir, pessoa que nos transmite a vida que Deus oferece à humanidade»[3]. Com esta tripla formulação negativa, o quarto evangelista contrapõe e nega a importância do nascimento humano face ao nascimento divino. Este último nascimento, formulado de maneira afirmativa e precisa, ainda que sem reiteração, constitui o culminar deste texto:

"…mas nascem de Deus" (João 1,13).

Ou seja, aqueles que aceitarem Jesus, que é o mesmo que dizer aqueles que acreditarem nele ou aderirem a ele, *nascem de Deus*. Recebem, pois, a vida do Espírito e são realmente filhos de Deus. O motivo é claro: *Jesus é o filho de Deus em plenitude* – plenitude manifestada pela sua identificação com a Palavra – e, ao aderirem a ele, *todos iremos recebendo dessa plenitude*.

De seguida, João descreve, com uma profundidade que causa admiração, o encontro definitivo de Deus com a humanidade na pessoa de Jesus: a Palavra, que era Deus (João 1,1), torna-se homem na sua pessoa (João 1,14). **O Deus criador, longínquo e inacessível do Antigo Testamento, torna-se próximo e familiar em Jesus, seu Filho**.

Na primeira criação, a Palavra fez o homem (Génesis 1,27). Na segunda criação, que é a definitiva, a Palavra se fez homem e montou a sua tenda no meio de nós (João 1,14). Este *acontecimento histórico* é novo e definitivo e, portanto, não se voltará a repetir. Enquanto existirem seres humanos, Jesus estará presente na nossa história para nos comunicar a sua vida divina. Jesus, o Homem-Deus, representa o abraço definitivo e carinhoso de Deus-Pai à humanidade, pois contém em si o que há de mais profundo e benfazejo de Deus: a sua glória (João 1,14) que se

[3] [199] J. Mateos-J. Barreto, «*El Evangelio de Juan. Análisis lingüístico y comentario exegético*», Madrid. Ed. Cristiandad, 1979, p. 66.

manifesta sob a forma da plenitude do amor e da fidelidade (João 1,14).

Dito de outro modo, a glória que Jesus irradia identifica-se com a glória que corresponde ao Pai e manifesta a plenitude do amor que Deus nos tem. Por provir do Pai é amor leal, ou seja, fiel, desinteressado. Surpreendentemente e por cúmulo para a humanidade, o amor com que Jesus nos ama é gratuito e por isso não depende da nossa resposta, da nossa retribuição ou de que correspondamos a esse amor. Jesus contém na sua pessoa a plenitude de Deus e do homem. Jesus é o ideal, o modelo, a ser seguido por todo o crente e por todos os seres humanos de bom coração.

Depois desta reflexão, a leitura pausada desta passagem de João surgirá, seguramente, mais compreensível e será um estímulo importante para pensarmos em aderir a Jesus e em confiar mais nele:

"E a Palavra se fez homem,

Acampou entre nós

E nós contemplamos a sua glória:

A glória do Filho único do Pai,

Cheio de *amor* [graça] e *fidelidade*" [verdade] (João 1,14).

É desta plenitude de amor e fidelidade que Jesus possui, que todos nós vamos continuamente recebendo:

"Porque da sua plenitude

Todos nós recebemos,

De um amor que corresponde ao seu amor.

É que a Lei veio até nós por Moisés,

mas o *amor* [graça] e a *fidelidade* [verdade]

vieram-nos por Jesus, o Messias" (João 1,16-17).

A simples leitura de João 1,16 é um convite e um estímulo para que **todos os seres humanos** possam viver com dignidade e alcançar a sua própria plenitude no amor. Jesus possui essa plenitude e pode ir comunicando o amor aos que adiram a ele. A especificidade do cristão é precisamente participar do amor que provém e tem como referência Jesus. **Este amor manifesta-se como autêntico na solidariedade e no serviço aos necessitados; mais: é *desinteressado* e *fiel***:

– "*Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Tal como eu vos amei, amai-vos uns aos outros. Nisto conhecereis que sois todos meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*." (João 13,34-35)

Ao comentar a concepção de Jesus no Evangelho da Infância de Lucas vimos que o Espírito Santo desempenhava um papel fundamental ao passo que no Prólogo do quarto Evangelho não aparece de maneira explícita. No entanto, ele está lá de maneira implícita naquela passagem que diz que Jesus nos pode fazer filhos de Deus, o que pressupõe um novo nascimento: nascer de Deus (João 1,12-13).

O próprio João o diz explicitamente no diálogo que Jesus trava com Nicodemos:

–"Rabi, nós sabemos que Tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais portentosos que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.» Em resposta, Jesus declarou-lhe: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o Reino de Deus.» Perguntou-lhe Nicodemos: «Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?» Jesus respondeu-lhe: «Em verdade, em verdade te digo: *quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino*

de Deus. Aquilo que nasce da carne é carne, e aquilo que nasce do Espírito é espírito.» (João 3,2-6)

Assim, nascer de novo é o mesmo que nascer da água e do Espírito, que em João 1,13 equivale a nascer de Deus. Ambas as realidades estão relacionadas com o reino de Deus. É esta a alternativa que Jesus propõe. O princípio vital e operativo deste Reinado é o Espírito de Deus, força íntima que nos associa a Jesus e nos permite nascer de novo. Surge assim *o homem novo capaz de transformar a sociedade e subverter "os seus valores"*, implantando gradualmente o reino de Deus seguindo os valores próprios de Deus. A lei externa nada tem que ver com este reinado.

Para além disto, a fim de fazer ver a importância do Espírito que transforma o homem a partir de dentro e o leva à plenitude, João coloca em contraposição *nascer da carne* e *nascer do Espírito*. Da carne nasce carne, ou seja, nasce o *homem débil* com dificuldade para se desenvolver e alcançar a sua plenitude. Do Espírito nasce espírito, isto é, nasce o homem que traz no seu íntimo o *amor*, a *fidelidade* e *a força que o Espírito* de Deus concede. Incorporado no reino de Deus, ele poderá evoluir alcançando a sua própria plenitude rumo à dignidade e plenitude dos demais seres humanos, principalmente *sempre que trabalhe preocupado com os mais necessitados e excluídos da sociedade, por exemplo, com os que nunca arranjam trabalho capaz* (Cf. Mateus 20,3: se Deus reinasse, ou seja, num mundo formatado segundo a vontade criadora de Deus, seriam questionados os privilégios e as injustiças económico-sociais: «*os últimos* – os da base da pirâmide social – *seriam os primeiros [a ser objecto da atenção de Deus] e os primeiros* – os do ápice – *seriam os últimos [a ser objecto da atenção de Deus]* Cf. Lucas 6,24-26: «Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação! Ai de vós, os que estais agora fartos, porque haveis de ter fome! Ai de vós, os

que agora rides, porque gemereis e chorareis! ***Ai de vós, quando todos disserem bem de vós! Era precisamente assim que os pais deles tratavam os falsos profetas***». Isto quer dizer que a igualdade salarial para todos os seres humanos teria prioridade – e não a natureza do trabalho. Este princípio deveria nortear a mal denominada «Doutrina Social da Igreja», a que frei Bento Domingos *op* denominava Doutrina Social dos Papas…).

Em jeito de resenha, vou colocar lado-a-lado os temas que seleccionei do Evangelho de Lucas (principalmente na *Anunciação*) e de João (sobretudo, do *Prólogo* do seu Evangelho) e assim poderemos comprovar as suas coincidências em pontos fundamentais:

1. Quer na *Anunciação* quer no *Prólogo* do Evangelho de João, Jesus é apresentado como novidade absoluta: nele realiza-se o projecto definitivo de Deus para a humanidade. *O passado – o Antigo Testamento – é superado*.

2. Jesus surge como a nova criação, nova e definitiva: na narrativa da *Anunciação* expressa-se pela presença e acção do Espírito criador (Lucas 1,35), tendo como referência Génesis 1 e, no *Prólogo* do evangelho de João, quando se afirma que «a Palavra – que é criadora – fez-se um humano» (João 1,14). Jesus é, pois, a nova criação. *O passado torna-se antiquado e invalidado*.

3. Em ambas as passagens, Jesus é apresentado como Filho de Deus. Na *Anunciação* (Lucas 1,35), quando coloca em estreita ligação esse título com a presença e a intervenção do Espírito Santo desde a concepção. No *Prólogo* do seu evangelho, João apresenta Jesus como Homem-Deus: a Palavra fez-se homem (João 1,14). Estes dois textos, para além de indicarem que Jesus é Filho de Deus em sentido único, afirmam igualmente a *plenitude de Jesus enquanto ser humano*.

4. Quer na narrativa da *Anunciação*, quer no *Prólogo* do quarto evangelho se opõem '*nascer dum varão ou da carne*' e '*nascer de Deus*' ou do Espírito, expressão que também quer dizer 'nascer do alto' ou 'nascer de novo'. 'Novo nascimento' que procura realizar um projecto novo e definitivo denominado 'o reinado de Deus', o qual se irá concretizando ao longo do devir da história da humanidade, devir esse que corresponde à «etapa histórica desse reinado». ***Se não existirem homens novos não poderá existir a humanidade nova***. É na mudança interior do ser humano – novo nascimento – que radica a verdadeira alternativa, base da construção de **uma sociedade nova**, na qual o amor, a irmandade, a radical igualdade, o serviço-solidariedade e a liberdade devem constituir as suas principais características.

5. João atribui esse nascer de novo à actividade do Espírito e associa-o ao reino de Deus (João 3,3). Lucas, por seu lado, na narrativa programática de Nazaré, apresenta Jesus como o enviado de Deus para proclamar e ir realizando o reinado de Deus sob a acção do Espírito Santo (Lucas 4,18.43).

6. Na narrativa da *Anunciação,* Jesus surge, desde a concepção, com a plenitude do Espírito Santo, ou seja, na plenitude da vida de Deus (Lucas 1,35). No Prólogo do quarto evangelho, também pertence a Jesus tal plenitude, na medida em que ele é o Filho único do Pai (João 1,14.18) e por isso possui a glória do Pai (João 1,14). A plenitude de Jesus converte-se em ideal e meta para os discípulos, porque "da sua plenitude todos nós recebemos antes de mais um amor que responde ao seu amor" (João 1,16).

7. Jesus, que possui a plenitude de Deus, concede-nos a possibilidade de nos fazer *filhos de Deus*, caso abracemos a sua causa. Esta nova condição implica sermos *homens novos*, criados pelo Espírito Santo e dinamizados, estimulados e fortalecidos pelo seu constante influxo.

8. A **Lei moisaica**, lei exterior ao homem e própria do Antigo Testamento, perde a sua vigência ante a irrupção de Jesus na história e ante a realização da sua Missão como Messias-profeta do reino de Deus. A novidade radical deste reinado está associada ao Espírito Santo, que nos permite nascer de novo, que nos renova constantemente, que nos *transforma através do amor*, que nos põe em sintonia com os marginalizados e oprimidos através da manifestação da nossa solidariedade para com eles e da nossa ajuda a eles, e que nos proporciona a força necessária para não desfalecermos e continuarmos no encalce de Jesus como seus discípulos. ***O Espírito constitui*** a razão de ser dos crentes e acaba por ser ***o seu verdadeiro motor interno***.

9. Assim, a pessoa de Jesus e a sua irrupção na história constituem um acontecimento radicalmente novo e definitivo face a tudo o que o antecedeu. Podemos resumir isso deste modo:

– ***Jesus é a nova e definitiva criação***. Por isso, a sua pessoa possui poder criador e curativo.

– ***Jesus possui a plenitude do Espírito Santo que o constitui Filho de Deus em sentido transcendente, único e irrepetível***. Nele também nos apercebemos de que é o Homem pleno, cabal e completo graças ao labor constante do Espírito nele.

– ***Aos que nele crêem ele os faz partícipes da sua plenitude dando-lhes também a condição de filhos de Deus***, através do Espírito Santo.

No Prólogo de João, que contém as linhas mestras de todo o seu evangelho, ***não existe vestígio algum de qualquer mediação sagrada entre Deus e a humanidade***. Aquilo que observamos e compreendemos, enquanto reflectíamos sobre este *Prólogo*, é que tudo o que fosse relacionado com Jesus, com a sua encarnação e com as suas prerrogativas é pura iniciativa de

Deus, pura gratuidade absoluta de Deus e comunicação directa entre Deus, Jesus e os seres humanos via Espírito Santo. Deste modo, Jesus foi constituído Homem-Deus com a plenitude que pertence a Deus (a sua *glória*), e com toda a plenitude humana (a plenitude de *Filho de Deus*) segundo os sinópticos.

Também constactamos a existência dessa iniciativa e dessa gratuidade de Deus ao constituir os seres humanos como 'filhos de Deus e novas criaturas' através da acção do seu Espírito. **O Espírito Santo é o autor e o garante de todo este processo, quer em relação a Jesus, quer em relação aos seres humanos**. Por intermédio do Espírito de Deus, Jesus é constituído como *nova criação* e, nós, como *criaturas novas* participantes da sua plenitude. De uma maneira especial, somos igualmente partícipes da sua **glória**, ou seja, da ***fidelidade no amor***. Toda esta maravilha provém gratuitamente de Deus e igualmente nos é ofertada por Jesus, o Filho de Deus. Este processo, de vital importância para o ser humano, não inclui **nenhuma mediação sagrada** e, então face ao Antigo Testamento, **é uma novidade absoluta**.

Por ser livre, o homem pode aceitar ou rejeitar a oferta que Deus faz através de Jesus. Aceitar essa oferta – aderir a Jesus – implica que se incorpore no reinado de Deus como 'pessoa nova', ou seja, promovendo os valores específicos desse reinado de Deus. Rejeitá-lo conscientemente significa que o ser humano prefere antes de mais amar as 'trevas que a luz', o que na prática é como se autocondenasse a si mesmo:

– "O julgamento consiste nisto: a Luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas obras eram más." (João 3,19).

Onde de veras houve *mediação humana sagrada* foi no Antigo Testamento, porque:

– "*A Lei foi dada por Moisés*, mas o *amor* e a *fidelidade* tornaram-se realidade em Jesus, o Messias" (João 1,17).

Quer Moisés, mediador entre Deus e o povo, quer a Lei, com o seu carácter sagrado absoluto, constituem os principais núcleos sagrados do Antigo Testamento. À Lei contrapõe João a *fidelidade no amor*, oferta gratuita do Espírito de Deus e uma das caraterísticas fundamentais do Novo Testamento.

Seguindo esta última passagem de João, podemos afirmar que, ao surgir Jesus como oferta de Deus e novo começo, a Lei moisaica perde toda a sua vigência. **A partir de aí, *o Espírito de Deus* é quem desempenha o papel fundamental**.

João, ao contrapôr a Lei dada por Moisés ao amor e à fidelidade que se materializaram em Jesus, dá como caduca a Lei moisaica. Moisés surge como o grande legislador de Israel e a isso se resume o Antigo Testamento. Ao contrário de Moisés, **Jesus não surge como legislador, mas como origem e fonte de vida**, ao encarnar e comunicar ele mesmo a riqueza de Deus Pai: amor e fidelidade para com o género humano. A Lei, personalizada por Moisés, é a lei externa que nunca foi cumprida e, por isso, estava condenada ao fracasso. Pelo contrário, *o amor e a fidelidade* é como uma lei interna que penetra no coração do ser humano, o transforma e, por sua vez, dele brota para comunicar vida. Eis a nova lei implantada por Jesus, o selo distintivo dos seus discípulos. *O amor é mais forte do que o ódio e exclui todo o tipo de violência*. Eis aqui o distintivo fundamental do reinado de Deus, que não coage nem se impõe ao ser humano. Deus oferece-nos, em Jesus, o seu amor que nunca falha porque é fiel; como acabamos de ver, aceitá-lo ou rejeitá-lo é responsabilidade exclusiva de cada um de nós.

Lucas pensa o mesmo e assim o diz com clareza:

– *"A Lei e os Profetas até João. A partir de então, o reinado de Deus é anunciado"* (Lucas 16,16).

Nesta citação, «*a Lei e os Profetas*» constitui, em síntese, todo o Antigo Testamento que esteve vigente até João Baptista. Com a chegada de Jesus, o Antigo Testamento e suas leis, seus preceitos e a mediação sagrada perderam validade. Acabaram por ser como que o anúncio de uma nova realidade: o reinado de Deus. A lei externa foi abolida. Jesus, o profeta do reino de Deus, realiza a sua missão sob o influxo do Espírito Santo que já possuía em plenitude desde a concepção; foi isso que constatamos quando analisamos a narrativa da *Anunciação*.

3. JESUS ENVIA-NOS O SEU PRÓPRIO ESPÍRITO PARA QUE NOS TORNEMOS *FILHOS DE DEUS*

As comunidades cristãs primeiras – é assim que o dão a entender os evangelistas – compreenderam que a verdadeira grandeza de Jesus consistia em possuir a plenitude do Espírito de Deus. Esse facto marca-o como o Filho de Deus de uma maneira

única e irrepetível, e converte-o, após a ressurreição[4], na única pedra angular e na única fonte de salvação para todos aqueles que creem nele ou pelo menos para os que não o escorraçam.

No livro dos Actos dos Apóstolos, Pedro, dirigindo-se aos chefes do povo judeu e aos senadores, diz-lhes:

– "Esse Jesus é a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que se transformou em *pedra angular*. E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que possamos invocar para nos salvar." (Actos 4,11-12)

Lucas, em passagens de grande importância, afirma que Jesus possui o Espírito de Deus e que actua em conformidade com a sua influência.

João Baptista, aquele que teve um grupo muito importante de discípulos e que baptizava junto ao rio Jordão, ao comparar-se

---

[4] [200] Tal como para um grande número de leitores, eu considero o tema da ressurreição de Jesus um '*facto meta-histórico*' (que não se pode demonstrar empiricamente) e o *objecto fundamental da nossa fé*. Caso negássemos a ressurreição, desmoronar-se-ia o tópico do Espírito de Deus e os pontos essenciais do cristianismo. A novidade radical da ressurreição de Jesus e as suas consequências essenciais para o cristão são realidades suficientemente estudadas e debatidas. A este respeito, consulte Torres Queiruga, A., «*Repensar la resurrección de Jesús*», Madrid, Trotta 2003; Benoit, P., «*¿Resurreción al final de los tiempos o inmediatamente después de la muerte?», Concilium 60 (1970) 98-111;* Boismard, M. E., *«¿Es necessário aún hablar de "resurrección"?», Bilbao, 1996*; Gnilka, J., «*La resurreción corporal en la exégesis moderna*», Concilium 60 (1970) 126-135; Häring, H. y Metz, J.B., «*¿Reencarnación o resurreción?*», Concilium 249 (1993) 775-779; Jeremias, J., «*Teología del Nuevo Testamento* vol. I», Salamanca, 1974; Küng, H., «*¿Vida eterna?*», Madrid, 2001; Léon-Dufour, X., «*Resurreción de Jesús y mensaje pascual*», Salamanca, Ed. Sígueme, 1971; Schillebeeckx, E., «*La historia de un viviente*», Madrid, 2002; Vidal, S., «*La resurreción de Jesús en las cartas de Pablo*», Salamanca, 1982.

com Ele, reconhece a sua grandeza. O Espírito Santo é não só o que os distingue entre si como, ao mesmo tempo, carimba a novidade de Jesus:

– "*Eu baptizo-vos em água, mas vai chegar alguém mais forte do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias. Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo e no fogo*" (Lucas 3,16).

Esta é a visão que Lucas e a sua comunidade cristã tinham de Jesus depois da sua ressurreição. A quem aderisse a Jesus, seria *baptizado com o Espírito, ou seja, ser-lhe-ia dada a vida de Deus, que é Vida em Plenitude*. Aos que, inteirados acerca de Jesus, o rejeitassem, esses seriam baptizados com o fogo, ou seja, com um castigo muito severo. Nesta passagem, fogo quer dizer destruição. A outra imagem que já havíamos encontrado nos Actos dos Apóstolos também tem implícita a destruição e o aniquilamento: é que Jesus é *a pedra angular* (Actos 4,11-12).

O primeiro significado desta expressão ("pedra angular") é que sobre Ele é que se constrói a salvação: "E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar" (Actos 4,12).

Porém, nesta passagem (Actos 4,11), faz-se alusão aos membros do Conselho Judaico que *rejeitaram a pedra*; ora, acontece que, através de outras passagens, nós sabemos que esta pedra angular se converte em *pedra de tropeço*, mas, para os que rejeitarem Jesus, também será pedra em que esses que sobre essa pedra caírem ficarão despedaçados, e aqueles sobre

quem ela cair ficarão esmagados[5]. O evangelista João também afirma que através da fé, que é adesão a Jesus, obtemos a condição de Filhos de Deus (João 1,13) e a salvação. Inversamente, rejeitando-o submetem-se a um julgamento condenatório. No entanto, **João não apresenta Jesus como um juiz que condena**: o julgamento condenatório é efectuado pelo próprio ao rejeitar Jesus e ao preferir viver nas trevas, que quer dizer 'operar na perversão':

– "*Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no Filho Unigénito de Deus. E a condenação está nisto: a Luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas obras eram más*" (João 3,17-19).

Esta maneira de ver Jesus ressuscitado, ainda que importante, não deixa de ser parcial e simplificada. Não nos esqueçamos que a fé na ressurreição foi um estímulo necessário para libertar as comunidades cristãs primitivas da terrível marreta que para elas significou a morte violenta e ignominiosa de Jesus no patíbulo da cruz. É a partir do prisma optimista da ressurreição que foi possível compreender ***o Jesus histórico***

---

[5] [201] Cf. Lucas 20,17-18; (1Pedro 2,4-8: «quem crer nela não será confundido. A honra é, então, para vós, os crentes; mas, para os incrédulos, a pedra que os construtores rejeitaram, *esta mesma tornou-se a pedra angular, e também uma pedra que faz tropeçar*, uma pedra de escândalo. Tropeçam nela porque não creram na Palavra; para isso estavam destinados»). Ambas as citações se referem ao Salmo 118/117, 13.22 que tem em conta esses dois aspectos: "cair" e "rejeitar a pedra angular". Recordemos que Jesus, respondendo aos emissários de João Baptista, proclama esta Bem-aventurança: «Feliz de quem não tiver em mim *ocasião de queda*» (Lucas 7,23; outros traduzem: «Ditoso aquele que não se *escandalizar de mim*», ou seja, não *me rejeitar*). Cf. Hans-Joachim Kraus, «***Los salmos»*** Vol II: 60-150, Sígueme, Salamanca 1995, p. 56ss.

quando atentaram naquilo que essa condição teve de **grandiosidade e radical novidade**.

O tema do Espírito de Deus vai ser fundamental e decisivo para estabelecer um antes e um depois a partir da entrada de Jesus na nossa história. Os evangelhos sinópticos centram-se na vida pública de Jesus a partir do momento em que ele recebe o baptismo de João. Só anos mais tarde é que se começará a reflectir sobre o tema da *concepção*, do *nascimento* e da *infância* de Jesus. É por isso que o evangelho da Infância de Lucas nos oferece uma reflexão teológica profunda sobre a relação entre o Espírito Santo e Jesus a começar na concepção e nos revela a sua radical e absoluta novidade face a tudo o que está para trás, graças a uma espécie de simbiose entre o Espírito de Deus e ele.

Já nos debruçamos sobre o papel do Espírito na Anunciação, no Baptismo de Jesus e na narração das Tentações no deserto. Também já vimos o quanto é decisiva a acção do Espírito quando Jesus atribui a si mesmo a profecia de Isaías, em Nazaré (Lucas 4,14.18), ao iniciar a proclamação do reinado de Deus. A riqueza do Prólogo do evangelho de João ajudou-nos a compreender com muita profundidade a importância do Espírito aquando da Anunciação. Paulo, que chegou a compreender perfeitamente a novidade radical de Jesus, consequência da irrupção do Espírito Santo, irá servir-nos de importante referência a este tema.

4. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA MISSÃO DE JESUS

Mas antes, é conveniente recordarmos as principais características da missão de Jesus:

1. Jesus começa a sua missão sob o impulso do Espírito Santo, o qual acaba por constituir uma garantia para a levar a cabo com êxito (Lucas 3,21-22; 4,1-2; Lucas 4,14.18).

2. O próprio Espírito de Deus, que ungiu Jesus, revela **as características da missão de Jesus, autêntica novidade face às expectativas messiânicas dos seus contemporâneos** (Lucas 4,18-21).

3. A característica mais importante e mais apelativa da sua missão é que Jesus veio comunicar a boa notícia do reinado de Deus aos pobres. Trata-se, pois, de uma boa notícia para os excluídos, na medida em que a libertação dos oprimidos, *seja lá qual for o tipo de marginalização e exploração*, constitui o núcleo central da sua missão (Lucas 4,18; 4,31-39; 4,40.43; 7,22-23).

4. Lucas troca as voltas ao texto de Isaías que Jesus começou a ler na sinagoga e proclama a libertação do reinado de

Deus como um ***Ano Jubilar***.[6] O conteúdo desse Ano Jubilar converte-se na tarefa quotidiana a implementar por Jesus (Lucas 4,19).

---

[6] Cf. Haroldo Reimer e Ivone Richter Reimer, «Tempos de Graça», CEBI ou Paulus 1999, São Paulo (Brasil); «Comentário Bíblico Latinoamericano – Antíguo Testamento I», (coord. Armando J. Levoratti), Verbo Divino, Estella Navarra, 2005, p. 512-516. ***Yahvé, o único proprietário da terra***. A instituição do Jubileu (mais do que a instituição do Ano Sabático) pressupõe que Yahvé, o Deus de Israel, é o real proprietário da terra. É isso que é afirmado com todas as letras em Levítico 25,23; os versículos 42 e 55 acrescentam que não é apenas a terra, mas que também o povo de Israel é propriedade de Yahvé. A Thora prescreve uma série de medidas sociais destinadas a mitigar o sofrimento dos indigentes (cf. Êxodo 22,20-26; Deuteronómio 15,7-11). Alguns preceitos condenam a opressão sobre os mais débeis ou convidam a levar a cabo acções positivas em favor de eles. Deuteronómio 10,19 vai mais longe e não fica apenas por uma proibição ou uma denúncia: exige que *ames activamente* o estrangeiro – "Também tu amarás o estrangeiro, porque foste estrangeiro na terra do Egipto." Para além de prescrições, o livro do Levítico desenha um verdadeiro ***Programa de Reforma Social***, o mais radical dos Programas que o Antigo Testamento regista (**Lv 25,1-55**), cuja principal finalidade é promover a solidariedade entre os membros do povo de Deus, impedindo a ruína completa das pessoas endividadas e também a acumulação excessiva de riqueza nas mãos de uns poucos. Cada família israelita recebera uma porção de terra da parte de Yahvé (Números 26); sendo essa propriedade hereditária, ela deveria permanecer na posse de cada família e não ser transformada em "objecto de especulação rentável". Veja-se a resposta de Nabot de Jezrael ao rei Acab em 1 Reis 21,3: «O Senhor me livre de eu algum dia ceder aquilo que é *herança de meus pais*! Seria um sacrilégio!» **Todos sabemos como funciona o deus Mamon, o deus do Neoliberalismo, o deus da Plutocracia, não é verdade? Leia 1 Reis 21,1-29**… Na verdade, a Bíblia regista uma muito rica experiência existencial sapiencial pertença de antigos pequenos povos tribais do Próximo Oriente, experiência de tal maneira humanitária e revolucionária como não há outra noutras civilizações e perante as quais o atual Ocidente é uma vergonha. Um dos exemplos concretos é a criação da utopia '*goel*' ('redimir'), a qual, pelo seu elevado grau revolucionário, vale bem a pena ser estudada no «Dicionário Teológico Manual del Antiguo Testamento», Tomo I, (editado por Ernst Jenni c/ Claus Westermann), Cristiandad, Madrid 1978, p. 549ss.

5. Jesus aceita explicitamente esta missão que Deus lhe encomendou, proclamando em voz alta, no meio do auditório:

− "*Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir*." (Lucas 4,21)

Já sabemos que, com este "hoje", Jesus está a assinalar o começo de uma fase da salvação/libertação absolutamente nova e definitiva.

6. Já vimos que toda esta narrativa (Lucas 4,14-44) tem ***carácter programático***, ou seja, encerra o programa que Jesus está disposto a levar para diante na sua vida pública. Sendo assim, é importante destacar outras duas características da missão de Jesus:

− A primeira é que Jesus, referindo-se ao Deus de Israel, proclama-o reiteradamente Deus e Pai de toda a humanidade, dilatando assim o horizonte da sua actividade salvadora/libertadora. A partir de agora, *Israel já não poderá reivindicar esse privilégio*, o que até esse dia fazia dele um *povo único e sagrado*, arrancado e resgatado à força pelo braço de Yahvé e a viver de costas voltadas para todos os outros povos da terra. Como consequência desta ousada proclamação na Sinagoga de Nazaré, Jesus faz com que se enfureçam aqueles judeus que o ouviam, ao ponto de o querer lançar do alto do pináculo do Templo e assassiná-lo (Lucas 4,25-29).

− A segunda característica, impensável naquele momento histórico, é que *Jesus enfrenta abertamente e com determinação a doutrina dos doutores da Lei*, fazendo ver que ela não provinha de Deus na medida em que fanatizava o povo. Era assim que a classe dirigente mantinha o povo alienado e submisso em nome de Deus, enquanto os dirigentes preservavam os seus privilégios. A mensagem de Jesus, bem pelo contrário, procedia de Deus: Deus quer que o Homem se erga, se reabilite, se desenvolva e

recupere a dignidade que lhe fora roubada (Lucas 4, 31-37). Ao mesmo tempo, Jesus propugna e leva a cabo um messianismo assente na solidariedade e no serviço aos pobres e marginalizados. Isso constitui *a novidade radical de Jesus*, quando comparado com o messianismo do poder político-religioso que todos esperavam e desejavam, mas que fora por Jesus rejeitado (Lucas 4,1-13).

5. O PRIMEIRO PENTECOSTES (ACTOS 2,1-13): *O ESPÍRITO SANTO*, QUE VEIO PARA TODOS OS POVOS DO MUNDO, *CONSTITUI UM NOVO COMEÇO NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO*

Regressemos, agora, ao Livro dos *Actos dos Apóstolos* a fim de examinar os relatos mais importantes relacionados com os difíceis começos das primeiras comunidades cristãs. O *Espírito Santo*, que desempenhou um papel fundamental quando foi preciso resolver os problemas mais agudos que sugiram após a morte e a ressurreição de Jesus, surge agora como o dom mais precioso que Jesus envia aos discípulos. O *Espírito de Deus*, que se pode e se deve pedir na oração, mais uma vez *não está dependente da mediação sagrada entre o Pai e os seguidores de Jesus*, tal como iremos ver ao desenvolver este tema.

Lucas, por ser um pagão e por ter escrito o seu evangelho cerca de quarenta anos após a morte de Jesus, apercebeu-se do carácter universal da salvação que Jesus propunha e apercebeu-se disso com uma clareza idêntica à dos apóstolos e à de Paulo. Por isso, **Lucas foi deixando, desde o relato do Evangelho da Infância, diversas passagens impregnadas de uma perspectiva de inegável universalismo**. Para além disto, por ser companheiro de Paulo e de Barnabé aquando das suas andanças pela Ásia Menor, também ele foi testemunha e viveu com intensidade a difícil e dramática situação das primitivas

comunidades judeo-cristãs de Jerusalém, na sequência da abertura do Evangelho aos pagãos. O livro dos Actos dos Apóstolos recolhe essa experiência – dura e polémica – já que a maior parte dos judeus de Jerusalém pretendiam que a salvação-libertação de Jesus tinha de se realizar através (dentro) do judaísmo, não compreendendo eles o carácter de radical e absoluta novidade que Jesus representava. Lucas conhecia bastante bem esta difícil e embaraçosa situação, já que a deixa plasmada profusamente e com toda a clareza no seu livro dos Actos.

Historicamente, os apóstolos, tal como Jesus, começaram em primeiro lugar pelos judeus. Paulo também o fez e só depois da rejeição destes é que, quer os apóstolos quer Paulo, foram aos poucos percebendo que *o Deus dos judeus também era o Deus da Humanidade inteira*; e mais: que a salvação de Jesus não só estava destinada a todos os povos bem como não tinha de passar forçosamente pelo judaísmo. É por isso que afirmamos que **a abertura aos pagãos tem carácter dialéctico, ou seja, de confronto**, já que historicamente ela é fruto de uma rejeição por parte da maioria das comunidades judaicas. É por isso que, depois de muitas e infrutíferas tentativas para estabelecer contacto com essas comunidades judaicas, Paulo e Barnabé exclamaram:

– "Era primeiramente a vós que a palavra de Deus devia ser anunciada. Visto que a repelis e vós próprios vos julgais indignos da vida eterna, voltamo-nos para os pagãos, pois assim nos ordenou o Senhor: «*Estabeleci-te como luz dos povos, para levares a salvação até aos confins da Terra*»." (Actos 13,46-47)[7].

Apesar desta confrontação histórica, que Lucas põe a nu detalhadamente nos Actos dos Apóstolos, o terceiro evangelista,

[7] O *itálico,* em Actos 13,47, é citação do Segundo Isaías: Isaías 49,6.

principalmente por ser pagão, não tinha dúvidas sobre o carácter universal da salvação de Jesus. É por isso que afirmamos que, desde o Evangelho da Infância, Lucas anseia e preocupa-se por prefigurar e antecipar a salvação-libertação de Jesus para todos os povos como elemento inscrito no plano de Deus, apesar de ele saber bem o que historicamente acontecera e que descreve no seu segundo livro. No livro dos Actos, Lucas, de modo diverso, afirma que a salvação de Deus através de Jesus se destinava historicamente aos pagãos, já que as comunidades judaicas por mais de uma vez a haviam rejeitado. Cumpre-se assim igualmente a visão que João nos dá no Prólogo do seu evangelho:

– "*Veio para a sua casa – o povo judeu -, mas os seus não o receberam*" (João 1,11).

A chegada massiva do Espírito Santo irá mudar radicalmente o rumo da história da salvação. Assim, aos poucos começa a nascer a nova humanidade, da qual Jesus foi o protótipo. Este acontecimento havia já sido anunciado pelo profeta Joel e ao mesmo tempo confirmado em outras importantes passagens do Livro dos Actos. O começo deste livro anda todo ele à volta da promessa - do Pai - de que se irá realizar a chegada do Espírito Santo sobre os apóstolos e outros crentes: sobre homens e mulheres que faziam parte da comunidade cristã formada após a morte e a ressurreição de Jesus. Trata-se do Pentecostes. Numa altura em que os apóstolos comiam juntos, Jesus ressuscitado aconselhou-os:

– "*Não vos afasteis de Jerusalém. Esperai que se cumpra a promessa do Pai… João baptizou com água, mas, dentro de pouco tempo, vós sereis baptizados com o Espírito Santo*» (Actos 1,4-5).

A seguir, Jesus acrescenta:

– "*Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo*" (Actos 1,8).

Este último texto encerra e torna-se o coração do plano deste livro: o Espírito Santo descerá, sobre os apóstolos e não só sobre a primeira bem como sobre as sucessivas comunidades cristãs, na forma de *uma força*[8] que os leva a ser testemunhas de Jesus, ou seja, testemunhas – com a palavra, com actos e, se necessário, com a própria vida – daquilo que *Jesus fez e ensinou*. Sendo assim, não se pode ser discípulo de Jesus sem receber o Espírito que dá a força necessária para continuar a realizar a tarefa que o próprio Jesus levou a cabo na sua época, adaptando-a, obviamente, a cada nova época.

O começo histórico acontece em Jerusalém, mas o que também acontece de relevante é que de ora em diante acabaram-se as fronteiras... A Samaria, para os judeus, era um país pagão; no entanto, a missão a realizar a partir de agora é "*até aos confins do mundo*" (Actos 1,8). Os discípulos de Jesus, na senda do seu mestre e sob a influxo do Espírito, devem levar a mensagem de Jesus a *todos os povos* da terra. Esta missão tem carácter universal. As fronteiras de Israel acabam de ser derrubadas. **Deus deixou de ser o Deus de Israel** para se converter no Deus de toda a Humanidade. Tal acontecimento, associado ao facto de no Novo Testamento Jesus nos apresentar Deus como Pai, torna-se a maior 'revolução do Evangelho', a qual contém em si um princípio inequívoco e possível: 'fazer o ecumenismo'.

---

[8] Na Carta aos Romanos, Paulo apresenta o evangelho como 'uma força': "*Eu não me envergonho do Evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação de todo o crente, primeiro o judeu e depois o grego*". (Romanos 1,16). Esta passagem é o núcleo do Livro dos Actos.

Lucas narra assim o *primeiro Pentecostes*[9]:

"Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. *Todos* ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem" (Actos 2,1-4)

Estavam reunidas cerca de cento e vinte pessoas: os apóstolos e outros discípulos, mulheres e homens (Actos 1,13-15). O Espírito Santo desce de igual modo sobre toda a comunidade – "*umas línguas, à maneira de fogo*" – e quanto aos efeitos visíveis dessa irrupção do Espírito podemos dizer que também esses efeitos são iguais para todos e todas: "*começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem*" (Actos 2,4).

É assim que nasceu a primeira comunidade cristã: o Espírito Santo não só a 'dá à luz' como começa desde o primeiro segundo a repartir os seus dons sobre ela. **Na origem da primeira comunidade cristã não há mediação sagrada alguma**, porque o Espírito desce gratuitamente sobre todos os presentes e porque **os Doze nunca chegaram a ser consagrados, por Jesus, para um ministério sagrado de mediação**; além do mais, a casa onde todos estavam reunidos era uma casa normal, sem carácter

[9] Quanto a isto, consultar Bruce, F.F., «*The Book of the Acts*», Grand Rapids, 1988, 49-59; Witherington, Ben III, «*The Acts of the Apostles*», Grand Rapids, 1998, 128-137; Munck, J., «*The Acts of the Apostles*», The Anchor Bible, New York, 1967, 13-15; Dillon, R.J., «*Hechos de los Apóstoles*», Nuevo Comentário Bíblico San Jerónimo, Estella, Verbo Divino, 2004, 215-217; Richard, Pablo, «*Hechos de los Apóstoles*», Comentario Bíblico Latinoamericano, Estella, Verbo Divino, 2003, 693-694.

sagrado algum (Actos 1,13-14). Quanto ao essencial, há que o enfatizar: não há diferença alguma entre os *Doze* e o resto da comunidade; o nível em que todos se situam e se movem é o de serem irmãos e discípulos de Jesus, movidos pelo mesmo Espírito. Não podemos negar que Pedro e os restantes apóstolos tivessem um relevo especial na comunidade, porém não se serviram desse particular para dominar a comunidade ou para a substituir representando-a, nem muito menos se apresentaram como ministros de mediação sagrada.

Dada a chegada impetuosa do Espírito, tal acontecimento provoca um reboliço entre aqueles que tinham acudido àquele lugar, *gente proveniente da terra inteira*, pessoas de todo o mundo como diz Actos 2,5:

"*Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu*".

De imediato, em Actos 2,8-11, são nomeados os povos principais que então eram conhecidos, a começar pelo Oriente, colocando a Judeia no centro e acabando nos romanos, nos cretenses e nos árabes. Assim se sinalizava o carácter universal da vinda do Espírito. Caem, pois, por terra as barreiras particularistas do judaísmo. O relato prossegue:

"*De pé, com os Onze, Pedro ergueu a voz e dirigiu-lhes então estas palavras: «– Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras. Não, estes homens não estão embriagados como imaginais, pois ainda estamos na 'terceira hora' do dia. Mas tudo isto é a realização do que disse o profeta Joel* (Joel 3,1-5):

«*Nos últimos dias, disse Deus,*
Derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura:
Os vossos filhos e as vossas filhas hão-de profetizar; (…)
Certamente, sobre os meus servos e as minhas servas

Derramarei o meu Espírito, nesses dias, e eles hão-de profetizar...» (Actos 2,14-21)

A expressão "*nos últimos dias*" – acrescentada por Lucas à profecia de Joel – refere-se ao começo da época definitiva da salvação inaugurada por Jesus marcada também pelo começo do novo povo de Deus, cuja característica principal é a de estar sob a influência do Espírito Santo. Este Espírito é criador: dá origem a um povo que caminhará sob a sua influência, sem barreiras nem fronteiras, sem leis externas que o intimide ou o tolha e sem ministros sagrados para realizarem a mediação entre Deus e esse

povo. **Jesus ressuscitado surge com as prerrogativas de Deus**[10]**,**

[10] A PATERNIDADE COMO BASE PARA A FRATERNIDADE UNIVERSAL - «Num contexto de oração e de grande densidade espiritual ("*inundado da alegria do Espírito*" ou "*estremeceu de alegria*", diz Lucas 10,21), Jesus apresenta-se como aquele que revela quem é o Pai: "Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mateus 11,27; Lucas 10,22). **Jesus faz uma experiência muito íntima com o seu Deus; denomina-o usando a palavra do balbucio '*Abba*' ["meu querido papá"] 170 vezes nos evangelhos** [«*A Amorosidade do Deus-Abba e Jesus de Nazaré*», Ed. Vozes]. Que significa "meu querido papá"? Significa apenas que Deus-Pai é o criador deste homem piedoso e profético de nome Jesus de Nazaré? A consciência de Jesus [acerca deste Deus] que os evangelhos sinóticos deixam entrever e os aprofundamentos que o Evangelista João fez a partir da sua convivência com Jesus apontam para um *mistério*. **O Pai é, não o criador, mas o gerador de um Filho**. Jesus chama a Deus 'Pai' porque se sente seu Filho. A relação de paternidade e de filiação resulta da geração. A frase de Jesus: «*tudo me foi entregue pelo Pai*» (Mateus 11,27) encerra *o verdadeiro segredo*: o Filho recebeu todo o seu ser do Pai. Porque é assim, o Jesus de São João podia dizer com toda a verdade: «*o que é meu é teu e o que é teu é meu*» (João 17,10). Esta consciência de Jesus não passou despercebida aos adversários que decidiram condená-lo à morte "porque chamava a Deus seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus" (João 5,17). Porque o Pai engendra o Filho existe uma prioridade do Pai expressa por Jesus com a frase que só é bem entendida numa leitura trinitária de Deus: "*O Pai é mais do que eu*" (João 14,28). Pelo facto de receber tudo do Pai, o Pai é fonte originária, mas porque possui tudo o que o Pai possui é igual a Ele. Por isso, "*quem me viu, viu o Pai*" (João 14,9). A própria denominação de Deus por '*Abba*' mostra a profunda intimidade que existe entre Jesus e o seu pai. Ele diz "meu Pai". Jesus confessa que nunca "está só" porque "o Pai está em mim" (João 16,32; 8,29). E mais: dá a conhecer a interpenetração de um no outro: o Pai nele e Ele no pai (João 17,21). Jesus sente-se enviado do Pai. O Pai constitui o modelo da sua acção: "o Filho, por si mesmo, não pode fazer nada, senão o que vir fazer ao Pai" (João 5,19). O Pai é o protótipo da misericórdia, do acolhimento do filho pródigo e do amor aos pequeninos. Se o próprio Jesus fez pessoalmente uma opção pelos pobres e pelos marginalizados do seu tempo, não é, certamente, por um mero impulso humanitarista, mas em virtude do seu encontro com o Pai. "O Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho faz viver aqueles que

enviando o Espírito de Deus – o qual passa a ser a "lei interior" do povo – e que com o povo partilha os seus dons a seu bel-prazer.

Para além disso, o Espírito dá-lhe a força necessária para continuar a obra de Jesus que inaugurou esta época: desaparece, assim, Israel com suas fronteiras, até então o único povo sagrado da Terra, que vivera submetido ao jugo e à escravidão da Lei moisaica. Com o Espírito desaparece também o Deus de Israel

---

quer." (João 5,21). Por isso, Jesus, em nome do Pai, cura, entra em conflito com a imagem legalista de Deus do judaísmo de então, passa por cima do sacrossanto dia do Sábado (cf. Marcos 3,1-6). **Jesus invoca Deus como Pai no coração de um contexto de acção de libertação!** Jesus não elabora nenhuma doutrina sobre o Pai. Vive a experiência do Pai na prática de aproximação aos caídos, de oferecimento de perdão aos perdidos e dispostos á conversão, de convivência com pessoas tidas como 'má companhia'. **A sua prática é não só sempre libertadora como é nascida sempre do encontro com o Pai.** Ao justificar um milagre em dia de Sábado revela a sua atitude de fundo em relação ao Pai: "O meu Pai continua a realizar obras até agora, e Eu também continuo!" (João 5,17) **A grande causa do Pai é o estabelecimento do Reino.** Reino não significa dominação de deus ao estilo dos poderosos deste mundo. É a inauguração da bondade, da misericórdia, da renúncia à prepotência em função do serviço. Reino implica a exaltação positiva do humilde e o restabelecimento do direito violado. **Reino supõe uma grandiosa e global libertação.** Por isso, a sua irrupção é uma boa notícia. Boa notícia que já começou com a presença do Filho Jesus, mas que está aberta ainda a **um processo de realização, dependente da adesão das pessoas.** Por isso, o Reino é continuamente objecto da esperança e da súplica: «Venha o teu Reino» (Mateus 6,10; Lucas 11,2). Cf. Leonardo Boff, «*A Trindade e a Sociedade*», VOZES, Petrópolis [6]2014, 254-258.

que fora concebido à medida de Israel[11] e, em sua vez, surge o Deus de todos os povos da Terra. O novo povo de Deus é livre na medida em que é constituído por pessoas que procuram crescer e amadurecer em plenitude humana e divina.

O Espírito Santo, que convulsionou qualitativamente a história da salvação, torna-se o inspirador e o promotor do reinado de Deus, o qual, pela sua acção nos crentes, mas também nos homens e nas mulheres de boa vontade, é chamado a mudar profundamente − com base em novos valores − a história da humanidade que sempre foi tão injusta e desumana. Trata-se de uma verdadeira revolução da qual surgirá uma sociedade nova, solidária e não violenta. Mais: os discípulos de Jesus já não suportam mais o jugo e a escravidão, aos quais tamanha enormidade de leis e de preceitos religiosos os querem submeter, tolhendo as suas consciências e sendo totalmente ineficazes enquanto leis e preceitos, tal como o demonstra o caso

[11] «O judaísmo foi o primeiro a confessar a existência de um único Deus, o qual era, simultaneamente, Deus de Israel e deus do Universo. Esta ideia de um deus único foi assumida, mais tarde, pelo cristianismo e pelo islão. Contudo, se nos debruçarmos com minúcia sobre a Bíblia judaica e a Bíblia cristã, bem como sobre o Corão, encontramos textos que admitem a existência de outros deuses. *Como foi, então, que, do meio de uma pluralidade de divindades, esse deus de Israel chegou a ser Deus*? Eis o enigma que esta imersão nas fontes do monoteísmo procura esclarecer percorrendo o milénio das etapas da sua "invenção". Donde vem esse deus? Quais eram os seus atributos e o seu nome? Como era venerado? Por que é que as outras divindades desapareceram? À luz da crítica histórica, filológica e exegética, bem como lançando mão das descobertas arqueológicas e epigráficas mais recentes, Thomas Römer oferece-nos as respostas de uma investigação apaixonante, rastreando as pegadas de uma 'divindade das tempestades e da guerra' erigida, após a "vitória" sobre as suas divindades rivais, num deus único, universal e transcendente. Cf. Thomas Römer, «La invención de Dios», Sígueme, Salamanca 2022 (edição em francês: «L'Invention de Dieu», Seuil 2014).

de Israel: um povo que vivia num estado de perpétuo infantilismo.

Sendo assim, a lei do novo povo de Deus é o Espírito Santo, aquele que penetra, que vai até ao mais íntimo e ao mais profundo do coração humano, transformando-o. Trata-se, pois, de *uma lei interior e vital que gera um homem novo e o robustece ao ponto de o levar a prolongar a missão que Jesus havia iniciado*. O Espírito de Deus, agindo no íntimo do ser humano, constituiu-se assim no sinal e na garantia de **uma Nova Aliança inaugurada por Jesus**[12], aliança que, ao mesmo tempo, é definitiva. O homem novo, suscitado, movido e fortalecido pelo Espírito Santo, sente-se em sintonia com Jesus e com todos aqueles que assumem no seu íntimo o mesmo princípio vital. Esta sintonia profunda é a razão principal do surgimento de novas comunidades cristãs, ao mesmo tempo que é a garantia de fidelidade à mensagem de Jesus. Milhares de comunidades cristãs populares, hoje em dia espalhadas por todo o mundo, comungam assim do sentido da sua própria fé. Grande parte dos

---

[12] «A crise contemporânea (sec. XX), tal como a crise dos começos (crise do século IV, "Símbolo de Niceia Constantinopla"), convida-nos a examinar novamente a forma como Jesus se situa perante Deus. (…) Quando lemos atentamente os Evangelhos, de imediato se nos impõe a convicção de que Jesus não propõe uma doutrina sobre Deus. Digo 'doutrina' no sentido de um sistema ordenado que proceda por *demonstração*. Nesse sentido, os Evangelhos nada têm em comum com a "*Suma Teológica*" de Tomás de Aquino (Primeira Parte, século XIII), nem com a "*Teodiceia*", de Leibniz (século XVIII). Jesus não cuidou de construir um discurso sobre Deus que repescasse aspectos comuns às convicções de Israel ou às fulgurações místicas dos filósofos gregos. Jesus não se apresenta como um pensador, um filósofo ou um teólogo. Jesus desempenha um papel de profeta e, por conseguinte, insere-se numa tradição muito concreta, ou seja, relaciona-se com os seus ouvintes no interior de um contexto comum a ambos.»; excerto de «***Jesús, el no-teólogo***» com o qual começa o cap. 3 do livro de Christian Duquoc, "*Dios Diferente*", Verdad e Imagen 56, Ed. Sígueme Salamanca 1978, p. 39.

homens e das mulheres que formam estas *comunidades cristãs* não têm necessidade da intervenção de ministros sagrados e consagrados para celebrar a eucaristia. Sabem que *ao celebrar a eucaristia comprometem-se* a seguir as pegadas de Jesus, realizando a libertação dos oprimidos e dos marginalizados, e fazem-no com alegria e convicção dando testemunho disso através do estilo das suas próprias vidas no dia-a-dia.

6. O ESPÍRITO ACTUA COMO FORÇA INTERIOR CONCEDENDO SABEDORIA, FORÇA E CORAGEM AO CRENTE PARA QUE SEJA DISCÍPULO DE JESUS

O começo do livro dos Actos dos Apóstolos é todo ele um cântico à chegada e à actividade do Espírito Santo no íntimo dos crentes. Logo desde o começo do livro dos Actos e referindo-se ao seu evangelho, Lucas escreve:

"No meu primeiro livro, ó Teófilo, narrei as obras e os ensinamentos de Jesus, desde o princípio até ao dia em que, depois de ter dado, pelo Espírito Santo, as suas instruções aos Apóstolos que escolhera, foi arrebatado ao Céu" (Actos 1,1-2).

É de realçar que Lucas, ao compendiar a vida de Jesus, fala do que fez e ensinou, por esta ordem, sublinhando assim que *a actividade libertadora de Jesus confere credibilidade ao seu ensino*. Este evangelista já o havia dito quando fizera um resumo da vida de Jesus e quando o definiu como:

"*Profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo*" (Lucas 24,19).

Um outro aspecto a ter em conta é que o terceiro evangelista situa Jesus, expressa e constantemente, sob a influência do Espírito Santo sobretudo nos momentos mais decisivos da sua vida. No texto que acabamos de citar, Lucas

afirma que Jesus está tomado pelo Espírito Santo quando elege os apóstolos. Depois, Lucas relata como Jesus ressuscitado se apresenta diante deles:

"A eles também apareceu vivo depois da sua paixão e deu-lhes disso numerosas provas com as suas aparições, durante quarenta dias, e falando-lhes também a respeito do Reino de Deus. No decurso de uma refeição que partilhava com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá o Prometido do Pai, «do qual - disse Ele - me ouvistes falar. João baptizava em água, mas, dentro de pouco tempo, vós sereis baptizados no Espírito Santo.» (Actos 1,3-5)

Ou seja, Jesus não ficou submetido ao poder da morte. Jesus está vivo e continua a manter relação com os apóstolos acerca do reinado de Deus. Por outro lado, Lucas apresenta-nos *a vinda do Espírito Santo como promessa do Pai, fazendo com que o Pai fique vinculado à missão que os apóstolos têm de levar a cabo*. Ou seja, os apóstolos não serão capazes de a realizar sem a força do Espírito, à qual Lucas já havia feito referência no final do seu evangelho:

"*E Eu vou mandar sobre vós o que meu Pai prometeu. Entretanto, permanecei na cidade até serdes revestidos com a força do Alto*." (Lucas 24,49)

A fim de realizar a difícil tarefa de proclamar o reinado de Deus, os apóstolos necessitarão, pois, da força do Espírito Santo, tal como, de seguida, Jesus o confirma:

"*Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo*." (Actos 1,8)

Esta passagem é uma espécie de antecipação e resumo do livro dos Actos, na medida em que encerra os temas essenciais

relacionados com a dinâmica e o crescimento da Igreja primitiva: surge, então, o Espírito como força para que os discípulos de Jesus possam continuar a sua tarefa entre todos os povos, sem distinção de nação, raça ou cultura. Esta tarefa será árdua e custosa, pois pressupõe remar contra a corrente, coragem e valentia para lhe deitar a mão e levá-la a bom porto: ***"Recebereis uma força" …***

O Espírito Santo é, igualmente, essencial para que o crente prossiga a implantação do reinado de Deus no mundo que lhe tocou em sorte viver, seguindo sempre as pegadas de Jesus. É isto que quer dizer «*ser testemunha de Jesus*». Por outras palavras, o Espírito Santo actua no íntimo do crente, dando-lhe força e coragem para reproduzir na sua vida pessoal '*o que Jesus fez e ensinou*' (Actos 1,1). Não se trata de proclamar *verdades* nem *dogmas*, mas de trasladar para e adaptar ao nosso tempo aquilo que Jesus realizou no seu tempo. A proclamação da palavra é importante, mas muito mais o é *um discípulo a reproduzir a vida de Jesus na sua própria existência, validando assim a mensagem que proclama*. É por isso que, *o primeiro dom que o Espírito concede aos primeiros discípulos de Jesus é a força necessária para serem testemunhas do Evangelho*. Igualmente hoje em dia, o Espírito nos concede a força necessária para presentificar o reinado de Deus no mundo de hoje. Os apóstolos, os discípulos e as seguidoras de Jesus receberão este dom inestimável *de forma gratuita e sem nenhuma mediação sagrada*. **Há sinais manifestos de que o Espírito continua a descer desse modo igualmente no nosso tempo**.[13]

[13] Como em Víctor Codina sj, que dizia que "El Espírito del Señor actua desde abajo" e, por isso, se bateu por uma «Una Iglesia nazarena: Teología desde los insignificantes».

Outro aspecto da força interior que o Espírito Santo infunde é a força de anunciar a palavra de Deus com coragem, com valentia. Quanto a isto, parece-me importante fazer um périplo pelos capítulos três e quatro dos Actos – sobretudo, de Actos 3,1 até Actos 4,31 −, destacando o essencial do tema: a intervenção do Espírito Santo que inspira as palavras de Pedro e de João – *sabedoria cristã* −, e a coragem que confere a Pedro e a João para enfrentarem os chefes do povo e os sumos sacerdotes. O relato fala de *valentia*, já que a integridade física de Pedro e de João era o que estava em jogo.

Veremos que existe um paralelismo, 'costurado' por Lucas, entre estas cenas protagonizadas por Pedro e João e outras passagens do seu evangelho protagonizadas por Jesus em momentos em que também este corria perigo. Por fim, comprovaremos que esta valentia, necessária para proclamar a mensagem de Jesus num terreno semeado de obstáculos e perigos, é conferida igualmente pelo Espírito Santo à primitiva comunidade de crentes. Este dom, tal como todos os que nos infunde o Espírito de Deus, *são absolutamente gratuitos e nunca estão submetidos a nenhum tipo de mediação sagrada*.

Na primeira cena (Actos 3,1-10), Lucas apresenta-nos Pedro e João que sobem ao Templo para rezar. Nesta narrativa, eles representam **a comunidade cristã de Jerusalém**, a qual, apesar de estar sob a acção do Espírito Santo, continua **amarrada ao Templo, suas práticas e culto**.

Paralelamente, o *personagem simbólico* que polariza a cena, é o coxo de nascença completamente incapaz de fazer alguma coisa por si. Ele não é livre; está à mercê daqueles que o carregam e o colocam junto à porta Formosa do Templo. A sua vida também depende das esmolas de outros. Trata-se, pois, de um homem que vive de modo muito limitado sem autonomia pessoal e sem possibilidade de se ir desenvolvendo. Neste relato,

o coxo representa o povo judeu dominado e submetido ao ensino oficial, ao culto e às regras (Leis) do sistema religioso judaico. O povo está, pois, à mercê deste sistema religioso sem possibilidade de se desenvolver por si. A instituição político-religiosa mantém o povo atazanado e infantilizado, coartando-lhe a possibilidade de um desenvolvimento progressivo e pleno. A dependência aleatória inerente à condição de pedinte, independente da sua vontade e de um trabalho personalizado, assinala um nível de vida muito degradado. A *miséria do povo* contrasta manifestamente com o esplendor do Templo: a *Porta Formosa* (Actos 3,2.10).

A *comunidade cristã* – aqui representada por Pedro e João – oferece ao *povo judeu* – aqui representado pelo coxo – a possibilidade de sair da prostração e da dependência em que se encontra. A ser assim, oferece-se-lhe um vislumbre da possibilidade de ser livre e de se desenvolver autonomamente, o que é próprio de pessoas adultas:

–"O coxo tinha os olhos nos dois, esperando receber alguma coisa deles. Mas Pedro disse-lhe: «Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: *Em nome de Jesus Cristo, o Nazireu*[14]*, levanta-te e anda*!» E, segurando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante, os pés e os artelhos se lhe

[14] Em Actos 3,6 e Actos 4,10 Lucas emprega a expressão *Nazireu* e não Nazareno. A diferença é notável: *Nazireu* não está conotado com a expectativa messiânica nacionalista, violenta e revolucionária, ou seja, com a chegada de um Messias guerreiro na linha do rei David, tendo como finalidade colocar Israel no centro e acima de todas as nações da terra. Nazareno, pelo contrário, está conotado com a esperança messiânica nacionalista e fanática: o modelo escolhido por Jesus para "protótipo de messias" não é o rei David (Juan Mateos *et al*, «Nuevo Tetamento», p. 404, linha 6). Consultar, a este respeito, Lucas 4,34; 24,19-21; 20,41-44. Cf. o comentário exegético de **Juan Mateos & L.A. Schökel, «Nuevo Testamento»**, Cristiandad 1987, p. 307 e pp. 640-641 (Isaías 11,1: "*Brotará um rebento do tronco de Jessé*"=Nazireu).

tornaram firmes. De um salto, pôs-se de pé, começou a andar e entrou com eles no templo, caminhando, saltando e louvando a Deus." (Actos 3,5-8)

Esta nova condição – a de tomar nas suas mãos as rédeas do seu próprio destino – produz desconcerto e perplexidade entre o povo acostumado a viver submetido, que era o que acontecia com o povo de Israel:

"*Bem o conheciam, como sendo aquele que costumava sentar-se à Porta Formosa do templo a mendigar; ficaram cheios de assombro e estupefactos com o que lhe acabava de suceder*." (Actos 3,10)

No cenário seguinte (Actos 3,11-4,4), a **'cura-libertação'** do coxo de nascença é motivo para que o povo se reúna massivamente no pórtico de Salomão (Actos 3,11). Pedro aproveita esta oportunidade para se dirigir à multidão usando a expressão '***Israelitas***' (Actos 3,12). Este é mais um sinal de que quer o coxo, pouco antes libertado, quer o povo que escuta a mensagem de Pedro, representam neste relato **todo o povo de Israel**! Pedro, cheio de valentia, atira-lhes à cara que apesar de ter sido anunciado desde Moisés (Actos 3,22-23) e por todos os profetas a chegada de Jesus e mesmo apesar de Deus o ter prometido a Abraão − «*Na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da Terra*»; Actos 3,25 que cita Génesis 12,3 −, não obstante tudo isso, eles eram culpados da morte ignominiosa de Jesus. Deus, no entanto, irrompe como fiador d'Ele, ressuscitando:

−"*Homens de Israel, porque vos admirais com isto? Porque nos olhais, como se tivéssemos feito andar este homem por nosso próprio poder ou virtude? O Deus de Abraão, de Isaac e Jacob, o Deus dos nossos pais*[15]*, glorificou o seu Servo Jesus, que vós*

[15] Cf. Êxodo 3,6.15; Isaías 52,13.53,1-12.

entregastes e negastes na presença de Pilatos, estando ele resolvido a libertá-lo. Negastes o Santo e o Justo e pedistes a libertação de um assassino. Destes a morte ao Príncipe da Vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos, e disso nós somos testemunhas." (Actos 3,11-15)

Apesar da expressão atenuante por parte de Pedro ("sei que agistes por ignorância, como também os vossos chefes"; Actos 3,17), esta dura diatribe contra Israel acusa-os de não terem feito caso das Escrituras: "*mas Deus cumpriu o que antecipadamente anunciara pela boca de todos os profetas: que o seu Messias havia de padecer*" (Actos 3,18)[16].

Os diversos representantes do Templo reagem a esta dura invetiva de Pedro contra Israel: prendem Pedro e João, dando início à perseguição, a qual fez com que a comunidade de crentes amadurecesse e aumentasse enormemente em número:

"*Estando eles a falar ao povo, surgiram os sacerdotes, o comandante do templo e os saduceus, irritados por vê-los a ensinar o povo e a anunciar, na pessoa de Jesus, a ressurreição dos mortos. Deitaram-lhes as mãos e prenderam-nos até ao dia seguinte, pois já era tarde. No entanto, muitos dos que tinham ouvido a Palavra abraçaram a fé, e o número dos crentes elevou-se a cerca de cinco mil*." (Actos 4,1-4)

Este texto refere os saduceus, porque o seu partido tinha o encargo do pessoal do Templo. *Ao contrário dos fariseus, os saduceus não acreditavam na ressurreição dos mortos* (Lucas 20,27), pelo que os apóstolos insistiam acima de tudo na ressurreição de Jesus, porque provavelmente deveria ter sido muito difícil para eles convencer os judeus de que aquele homem de nome Jesus, condenado à morte de cruz como era usual

[16] A este respeito, consultar C. Escudero Freire, «*Kata agnoian*» (Hechos 3,3-17), Communio, IX, 1976, 1-10; consultar também Actos 3,22-24.

acontecer aos malfeitores, era o Messias anunciado pelos profetas.

Não surpreende a designação 'homens' – adultos – àqueles que acreditaram nas palavras de Pedro e àqueles que já viviam a mensagem de Jesus. De facto, o judaísmo tinha-os mantido submissos e impotentes, enquanto a mensagem de Jesus produzia gente adulta capaz de assumir a responsabilidade dos seus actos. Por fim, *o número cinco mil inclui* ***o cinco*** − *cujo simbolismo faz alusão ao* ***Espírito Santo*** – aquele que confere a valentia para afrontar a perseguição com inteireza e leva a não desistir de proclamar a mensagem de Jesus. De facto, no texto seguinte diz-se explicitamente que Pedro encheu-se de Espírito Santo (Actos 4,8) a fim de responder ao interrogatório a que o submeteu o Conselho judaico (Actos 4,5-7). O algarismo ***5*** pretende também chamar a atenção para um novo Pentecostes que muito em breve se produzirá (Actos 4,31).

Do relato que se lhe segue (Actos 4,5-22) convém destacar que o Conselho Judaico se reúne em sessão plenária para interrogar e pedir contas a Pedro e a João tal como anteriormente fizera para interrogar e acusar Jesus (Lucas 22,66). Os discípulos sofrem a ameaça das autoridades político-religiosas nos mesmos moldes que a sofreu o Mestre:

"*No dia seguinte, os chefes dos judeus, os anciãos e os escribas reuniram-se em Jerusalém com o Sumo Sacerdote Anás, e ainda Caifás, João, Alexandre e todos os membros das famílias dos sumos sacerdotes. Mandaram comparecer os Apóstolos diante deles e perguntaram-lhes: «Com que poder ou em nome de quem fizestes isso*?" (Actos 4,5-7)

Esta pergunta levanta a grande questão! O Sinédrio não acredita que Pedro e João tenham tido poder para realizar tal prodígio ao ponto de entusiasmar aquela multidão. Sempre que

o povo se mobiliza, isso é um sinal perigosíssimo para as autoridades[17]. Para o Sinédrio (Conselho Judaico), o paralelismo com algumas curas realizadas por Jesus é óbvio. Pedro, sob a acção do Espírito Santo, é quem responde: – "*Pedro, cheio do Espírito Santo, respondeu*" … (Actos 4,8). O Espírito Santo coesiona e robustece o crente nos momentos difíceis de assédio ou perseguição: dá força e bravura, confere valentia. Também inspira o discípulo quanto ao que tem de dizer nessas ou em situações semelhantes:

"*Quando vos levarem para serdes entregues, não vos inquieteis com o que haveis de dizer; dizei o que vos for dado nessa hora, pois não sereis vós a falar, mas sim o Espírito Santo*". (Marcos 13,11)[18].

"*Ficai sabendo todos vós e todo o povo de Israel: É em nome de **Jesus Nazireu**[19], que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos, é por Ele que este homem se apresenta curado diante de*

---

[17] As instituições judaicas são diversas, mas as mais relevantes são três: o **Templo**, o **Sinédrio** e o **Sacerdócio**. Cf. **João Duarte Lourenço**, "*O mundo em que Jesus viveu – cultura judaica do Novo Testamento*", Universidade Católica Editora, Lisboa 2005, 44-49. Cito: «No ano 41, Roma concede de novo o título de rei a Herodes Agripa [filho de 'Herodes, o Grande'] o qual, após a morte do pai, assume as funções de Tetrarca da Galileia e da Pereia com poder sobre a Judeia e a Samaria tendo desencadeado uma das primeiras e mais violentas perseguições contra os cristãos de Jerusalém [que incluíram] a decapitação de S. Tiago, irmão de S. João *e o mandado para prender Pedro* (Actos 12,1-11). A expansão do cristianismo para além das fronteiras da Judeia deve-se, sem dúvida, a este **clima de perseguições** e à conversão de S. Paulo que realiza a sua primeira missão *ad gentes* de 46 a 48, levando a fé cristã para o mundo grego." (pp. 39-40)

[18] Cf. também Mateus 10,19-20: … "*Mas, quando vos entregarem, não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nessa altura, vos será inspirado o que tiverdes de dizer. Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é que falará por vós*".

[19] No texto grego está '*Nazireu*'… Cf. a nota de pé-de-página prévia 'número 12'.

vós. Ele é a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que se transformou em pedra angular. E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar." (Actos 4,10-12)

Pedro deixa tudo muito claro: a pedra angular sobre a qual se constrói tudo o que tenha a ver com salvação é Jesus. Não há outra pedra angular! Assim mesmo: "E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar" (Actos 4,12). Ou seja, Jesus ressuscitado cumpre a função de Deus na nova comunidade de crentes. *Fica claro que Pedro não se reconhece a si mesmo como pedra angular* ou como pedra sobre a qual se fundamentarão as outras comunidades cristãs futuras. *Jesus é a única pedra angular*.

Portanto, é muito estranho o ponto de vista que durante tantos séculos a Igreja hierárquica romana sustentou no qual colocou Pedro como pedra angular da Igreja e dono–e– senhor das portas do céu; cf. a iconografia de *Pedro e as chaves*! A ser assim, os Papas, enquanto sucessores de Pedro, também teriam essas mesmas prorrogativas. Devo confessar que, depois de se visitar o Museu do Vaticano e as Basílicas Maiores de Roma, custa muito aceitar essa sugestão: toda aquela magnificência ressumbra, destila, poder! Nada mais afastado do Evangelho!

O texto bíblico em que se quer fundamentar tal interpretação teológica tradicional é o texto de Mateus 16,18-19. Acontece que esse texto nunca poderá ser adequadamente interpretado caso não tenhamos em conta o contexto em que está inserido (Mateus 16,13-20); isolar estes dois versículos de Mateus 16,18-19 é cometer um erro hermenêutico[20].

---

[20] A este respeito: ver em J. Mateos & L. A. Schökel, «Nuevo Testamento», Madrid, Ed. Cristiandad, 1987 a **nota a Mateus 16,13-20, páginas 110-111**. Eis a tradução da Bíblia da Difusora Bíblica: «Tu és Pedro, e sobre esta

Podemos explicar, abreviadamente, o essencial deste texto bíblico. Pedro acaba de confessar que Jesus surge a modos que o "Messias, o Filho de Deus vivo" (Mateus 16,16). *Esta acto de fé ou de adesão a Jesus foi possível porque o Pai do céu o revelou a Pedro*" (Mateus 16,17), **da mesma maneira como ele se revela constantemente a pessoas simples** (Mateus 11,25). Pedro representa, portanto, *aquelas pessoas simples que aderem à pessoa de Jesus*, porque o Pai lhes revelou a identidade da pessoa de Jesus. Para além disto, o texto grego serve-se de dois termos distintos: «pedra» – que lhe advém de se chamar Pedro – e «lajedo», «rochedo», que é inamovível e, por isso, serve de bom alicerce pois confere solidez à comunidade dos crentes. Através da adesão a Jesus, apoiamo-nos n'Ele que é a única "roca" (=lajedo, rochedo). Ainda há pouco vimos em Actos 4,11 que Jesus é a pedra angular. S. Paulo também o afirma sem deixar lugar para dúvidas:

– "*Mas veja cada um como edifica, pois ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo*" (1 Coríntios 3,11)

No que diz respeito ao poder de «atar e desatar» (Mateus 16,19) que é outorgado a Pedro, esse poder é-lhe conferido pela Comunidade de crentes:

Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela.» Eis a tradução, a partir do grego, de Juan Mateos, em língua castelhana: «Tu eres *Piedra* [pedra] y sobre esa *roca* [lagedo, rochedo] voy a edificar mi comunidade y el poder de la muerte no la derrotará.». Comenta Juan Mateos: «É possível lançar fora, para muito longe, uma 'pedra/Pedro' (2 Macabeus 1,16; **4,41**), mas é impossível lançar para longe de nós, é muitíssimo difícil desfazermo-nos da solidez de um 'lagedo/Roca', de um rochedo gigante, de uma lapa». Mas há mais, há muito mais - e mais decisivo - no comentário de J. Mateos (jesuíta já falecido que o Vaticano molestou não pouco), que se recomenda ler. [PB]

"*Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu, e tudo o que desligardes na Terra será desligado no Céu*." (Mateus 18,18)

Prosseguindo com o discurso de Pedro perante o Sinédrio, constatamos que ele termina com um conteúdo claramente acusador: "*a quem vós crucificastes*" (Actos 4,10). O que é mais acintoso para os chefes do povo é que Pedro coloca em oposição a sua (deles) actividade homicida contra Jesus face à acção de Deus em seu favor pessoal, acreditando-o e fazendo de Pedro fiador da acção de Deus: "*a quem Deus ressuscitou da morte*" (Actos 4,10). "*A pedra que vós rejeitastes converteu-se em pedra angular*" (Actos 4,11). Este facto somado ao efeito de '*a adesão à pessoa de Jesus constituir o caminho da salvação'* (Actos 4,12) deixou o Sinédrio desconcertado:

"*Ao verem o desassombro de Pedro e de João e percebendo que eram homens iletrados e plebeus, ficaram espantados*." (Actos 4,13)

Eis como a coragem com que Pedro e João intervieram – 'valentia' enquanto dom de Deus – se impõe inclusivamente aos inimigos da comunidade apostólica. Por outro lado, esses inimigos espantam-se com a condição de Pedro e João: "pessoas sem estudos e povo simples". Não há dúvidas, pois eles tinham sido, a vida toda, pescadores (Marcos 1,16-20). Possuíam, no entanto, aquilo que poderíamos denominar de "sabedoria cristã", aquele tipo de sabedoria que não se adquire directamente dos livros, num determinado ambiente académico ou através dum esforço pessoal, antes um tipo de sabedoria que o Espírito Santo vai concedendo ao crente como um dom inestimável. A sabedoria cristã continua a ser concedida pelo Espírito de Deus a muitas pessoas simples, sem formação especializada, a fim de que ergam diverso tipo de comunidades cristãs. São gente de pé descalço, as quais com a sua própria vida e com esse carisma –

mesmo sem o planificar – dão autênticas lições a muitos entendidos e a muitos profissionais da teologia oficial da Igreja. Sendo assim, é oportuno citar uma vez mais a passagem bem conhecida de Lucas 10,21:

"*Nesse mesmo instante, Jesus estremeceu de alegria sob a acção do Espírito Santo e disse: «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado*"[21].

Depois disto tudo, o Conselho judaico está perplexo e não sabe como replicar, diante da evidência dos factos e a valentia de Pedro e João. Cumprem-se, assim, as palavras de Jesus que, a propósito das perseguições que deveriam enfrentar, disse aos seus discípulos:

"*Gravai, pois, no vosso coração, que não vos deveis preocupar com a vossa defesa, porque Eu próprio vos darei palavras de sabedoria, a que não poderão resistir ou contradizer os vossos adversários*." (Lucas 21,14-15)

É evidente que Jesus se referia às perseguições que iriam sofrer os seus discípulos após a sua morte, e ao dizer '*vos darei palavras certeiras'* ele estava a referir-se à intervenção do Espírito Santo que ele mesmo havia prometido enviar-lhes, após a ressurreição:

---

[21] Lucas 10,21. Este louvor, que brota espontaneamente das entranhas de Jesus, tem tanta transcendência, que Lucas consegue com ele expressar o júbilo irreprimível de Jesus sob a acção do Espírito; a este respeito, cf. Mateus 11,25: "Naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos "pequeninos" [aos 'descartados']. Sim, ó Pai, porque isso foi do teu agrado»."

"*E Eu vou mandar sobre vós o que meu Pai prometeu. Entretanto, permanecei na cidade até serdes revestidos com a força do Alto*" (Lucas 24,49).

Nunca é demais recordar que com a promessa do Espírito Santo termina o Evangelho de Lucas (Lucas 24,49) e com essa mesma promessa começa o livro dos Actos dos Apóstolos:

"*No decurso de uma refeição que partilhava com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá o Prometido do Pai, «do qual - disse Ele - me ouvistes falar. João baptizava em água, mas, dentro de pouco tempo, vós sereis baptizados no Espírito Santo*»." (Actos 1,4-5)

Assim, a partir da ressurreição de Jesus, *o Espírito Santo com a sua presença, seu impulso, seus dons e sua constante actividade no íntimo dos discípulos* – aspectos distintos do mesmo facto –, é o que acontece de mais importante aos crentes e às comunidades cristãs. *Estamos, pois, em plena era do Espírito*.

O Conselho judaico, desconcertado com a valentia e a sabedoria dos apóstolos, delibera, sem saber minimamente o que fazer com eles:

– "*Chamaram-nos, então, e impuseram-lhes a proibição formal de falar ou ensinar em nome de Jesus. Mas Pedro e João retorquiram: «Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, obedecer a vós primeiro do que a Deus. Quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos*.»" (Actos 4,18-20)

Pedro e João, ao lançarem mão do que viram e ouviram, tornam inatacável a sua condição de testemunhas directas da vida de Jesus, o que confere ao seu testemunho *carácter verídico* (Acros 4,21). E o texto continua:

"*Logo que foram postos em liberdade, foram ter com os seus e contaram-lhes tudo quanto os sumos sacerdotes e os anciãos lhes tinham dito. Depois de tudo terem ouvido, ergueram a voz a Deus em uníssono*" (Actos 4,23-24).

A comunidade entra em oração, expressando, a uma só voz, a sua angústia e a sua confiança:

"*Agora, Senhor, tem em conta as suas ameaças e concede aos teus servos poderem anunciar a tua palavra com todo o desassombro, estendendo a tua mão para se operarem curas, milagres e prodígios, em nome do teu Santo Servo Jesus*." (Actos 4,29-30)

O relato prossegue:

"*Tinham acabado de orar, quando o lugar em que se encontravam reunidos estremeceu, e todos ficaram cheios do Espírito Santo, começando a anunciar a palavra de Deus com desassombro*." (Actos 4,31)

Este acontecimento, protagonizado pelo Espírito e pela Comunidade, costuma ser designado por ***«o segundo Pentecostes»***: estão todos em oração, o lugar em que estão em oração estremece e o Espírito Santo desce fortemente sobre eles de modo a que continuem a ser capazes de proclamar a mensagem de Jesus com valentia, numa altura em que se adivinha forte perseguição por parte das autoridades israelitas.

Este relato dos Actos dos Apóstolos, o qual acabamos de esmiuçar e explicar pormenorizadamente, revela-nos a presença e ***a actividade do Espírito Santo como algo fundamental*** após a morte e a ressurreição de Jesus. O Espírito Santo **irrompe sobre Pedro e sobre João e sobre a comunidade cristã de maneira gratuita (dom) e desprovido de qualquer tipo de mediação sagrada**. O que acontece? A comunidade vai para dentro da casa onde se reúne e entra em oração, porque se adivinha

perseguição, o que não é nada do outro mundo; diríamos: é a vida. A oração pessoal e comunitária é muito importante para que o Espírito de Deus desça com os seus dons e para que possamos continuar a implementar o reinado de Deus.

Diante dos graves problemas do nosso tempo que nos submergem e esmagam, impõe-se levantar uma série de perguntas relacionadas com este tema até aqui tratado. A nossa resposta deverá incluir um compromisso pessoal.

Porque será que, hoje em dia, a actividade do Espírito Santo passa despercebida? Será que pedimos ao pai insistentemente o Espírito Santo e nos abrimos à sua actividade de modo que a nossa vida seja cada vez mais solidária com os marginalizados, explorados e oprimidos? Pedimos insistentemente também ao Pai o Espírito Santo, e abrimo-nos à sua actividade de modo que a nossa vida seja mais solidária com os marginalizados e oprimidos? Pedimos igualmente ao Espírito de Deus sabedoria cristã que nos capacite com critérios evangélicos que nos ajudem a julgar os vertiginosos acontecimentos que frequentemente nos abanam, nos desorientam e nos submergem? Abrimo-nos com confiança à actividade do Espírito de modo a podermos receber o *dom da fortaleza* que nos encoraja e capacite a promover, sem desânimo, a justiça e a erradicar a marginalização, que na sua carne sofre a maioria dos seres humanos? Pedimos também ao Espírito Santo o dom da valentia de modo a afrontar com coragem os sofrimentos que arrasta a luta pela justiça, de modo que o reinado de Deus se torne cada vez mais visível?

Vimos como o Espírito de Deus actua como *força criadora*. Ele poderá, então, fazer com que surja no nosso interior *o homem novo* capacitado para ir implantando os valores do reinado de Deus.

Pode dar-se o caso de nunca teres podido desfrutar até agora da experiência pessoal de ter pertencido a uma comunidade cristã de base, onde se reze, se reflicta sobre o Evangelho à luz dos acontecimentos que vertiginosamente vão surgindo; uma comunidade que também celebra a eucaristia e, como consequência disso tudo, compromete cada membro da comunidade com os marginalizados e excluídos que vivem à sua volta. Também não é menos importante o apoio que cada membro recebe de modo a poder resolver os seus próprios problemas, e a compreensão, o estímulo e o perdão em que a comunidade é rica quando não se actua com os critérios do Evangelho ou quando não se levam a cabo os compromissos assumidos.

Não há dúvida que a problemática que nos cabe viver é de tal magnitude e envergadura que continuamente nos submerge, mas, nem por isso, devemos desanimar. Ainda por cima, as comunidades cristãs populares, guiadas e fortalecidas pelo Espírito de Deus, no concreto, são muito escassas. Nem sequer abundam – quando comparadas com as necessidades reais – os "seres humanos de boa vontade" que entregam as suas vidas com o fito de erradicar a marginalidade e de contribuir para o desenvolvimento dos oprimidos. Estas mulheres e estes homens de boa vontade, normalmente sem o saberem, estão, tal como os crentes, sob a acção do mesmo Espírito de Deus.

A desproporção que existe entre os que lutam pela dignidade humana, pela justiça e pela paz, por um lado, e aqueles que, pelo contrário, marginalizam e escravizam as pessoas, promovem a violência, causam injustiça e sufocam a paz é enorme. Contudo, o Espírito de Deus pode colmatar esta desproporção através do seu influxo nos crentes e nas pessoas de coração sincero, porque o Espírito é a sabedoria e a força de Deus no íntimo dos seres humanos.

Estes problemas têm uma solução difícil sempre que nos tornamos impermeáveis à actividade do Espírito Santo. Há que abrir-lhe as portas de par em par e seguir sem medo os seus impulsos. *Se o Espírito Santo é a força de Deus em nós, quem poderá deter a sua acção ou quem lhe poderá oferecer resistência*?

7. O ESPÍRITO SANTO, A LIBERDADE DO CRISTÃO E A LEI

S. Paulo também diz com clareza o mesmo que já tínhamos visto em Lucas e em João *acerca do Espírito de Deus*, pois a realidade do Espírito pertence ao núcleo fundamental da fé cristã. Quanto a este núcleo essencial do Evangelho, S. Paulo desenvolve de maneira magistral, por um lado, os temas da *liberdade cristã* e, por outro, o da *Lei moisaica*.

A liberdade inerente ao cristão brota de **uma realidade transcendente:** *o Espírito Santo concede-nos o privilégio de sermos e de sentirmo-nos filhos de Deus*. Deus é realmente o nosso Pai e os filhos vivem em liberdade e não sob a escravidão de leis e normas. *O vínculo fundamental que une a Deus Pai os filhos é o vínculo do amor fiel, leal e perdurável, o qual, por parte de Deus, está garantido*. Os irmãos entre si relacionam-se através desse mesmo vínculo e com outros vínculos derivados do amor, mas **ao nível da irmandade a fidelidade não está garantida à partida**. Os escravos, ao contrário, vivem submetidos a leis, normas e preceitos rigorosos. O escravo tem de obedecer em tudo ao amo e o vínculo que se estabelece é de total submissão e obediência. O ambiente é de medo:

"*Filhos de Deus são todos e somente os que se deixam guiar pelo Espírito de Deus; esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos.*

É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai! *Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus*.» (Romanos 8,14-16)

O texto fala por si. O escravo teme infringir a lei ou a norma, porque, sendo assim, ninguém o livraria dum castigo severo. Pior: aquele que vive escravizado está incapacitado de se incorporar como discípulo de Jesus na tarefa da libertação. Vive, individualisticamente, submetido ao medo e passa o tempo a pensar no que terá de fazer para escapar ao castigo. Pelo contrário, o filho, na alegria de ser filho e de se sentir filho, incorpora-se com Jesus na tarefa de acabar com todo o tipo de marginalização e de escravidão para que muitos outros também se sintam não escravos, mas filhos.

A teologia tradicional, ou seja, a que emana do mundo eclesiástico, desvirtuou aspectos fundamentais da revelação do Novo Testamento e continua a marcar a consciência de muita gente, na medida em que se preocupa mais em fomentar e cultivar uma consciência submissa, escrava e de temor – estreitamente unida ao conceito de 'pecado' − do que, em vez disso, fomentar a convicção de serem filhos de Deus com aquela liberdade, alegria e solidariedade que essa consciência implica.

Por outro lado, Deus é vida em plenitude e o Espírito Santo é quem nos transmite o mais importante dessa riqueza de Deus: a Sua vida, pois é ela que nos faz seus filhos. Somos, pois, portadores e transmissores de vida divina ao longo da nossa existência, já que o Espírito de Deus actua através de nós. O receio não tem vez na vida dos cristãos, já que Deus vive em nós e nós partilhamos a sua vida enquanto filhos e enquanto pessoas livres. A nossa conduta e actividade deverá, pois, estar em consonância com esta nova condição e realidade. Jesus de Nazaré, homem livre por excelência, convida-nos através do seu

Espírito a ser e a actuar como verdadeiros filhos de Deus, ou seja, a sermos sempre pessoas livres, e nunca escravos.

A carta aos Gálatas expressa isto, que acabamos de afirmar, com uma clareza assombrosa:

"*Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adopção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: «Abbá! - Pai!» Deste modo, já não és escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro, por obra de Deus*." (Gálatas 4,4-7)

S. Paulo, pouco antes desta afirmação, recorda-nos que a Lei, fazendo de ama, manteve gerações de judeus num estado infantil e não como pessoas adultas:

"*Deste modo, a Lei tornou-se a nossa ama até que chegou o Messias e fôssemos justificados pela fé. Uma vez, porém, chegado o tempo da fé, já não estamos sob o domínio da ama de leite, pois, com a adesão ao Messias Jesus somos todos filhos de Deus*» (Gálatas 3,24-26).

No entanto, Paulo vai mais longe quando afirma que *Jesus veio resgatar-nos da escravidão da Lei* (Gálatas 4,5). A Lei produz escravos e, se não nos libertarmos dela, permaneceremos em estado de escravidão. O Espírito, pelo contrário, cria gente adulta e livre, filhos de Deus. A condição de filhos é tão real que até somos herdeiros. Herdamos, com Jesus, a vida e a glória de Deus:

"*Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com o Messias, pressupondo que com Ele sofremos, para também com Ele sermos glorificados*" (Romanos 8,16-17).

Esta herança consiste em viver a vida de Deus com ele para sempre. Ainda que por natureza sejamos mortais, isso produz-nos uma alegria imensa e um optimismo transbordante ao sabermos que a presença do Espírito de Deus em nós é garantia de imortalidade:

"*E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que habita em vós*." (Romanos 8,11).

Esta '*nova realidade*', que ressuma esperança e optimismo, está também noutras passagens do Novo Testamento. O primeiro texto que citarei é da carta de Tito, que diz com toda a clareza que *pelo Espírito renascemos para a condição de homens novos*. O cristão aparece como fermento de um mundo que parecia, e hoje ainda parece, condenado ao fracasso. Sobressai *a gratuidade da salvação* que Deus nos oferece:

"*Mas, quando se manifestou a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, Ele salvou-nos, não em virtude de obras de justiça que tivéssemos praticado, mas da sua misericórdia, mediante um novo nascimento e renovação do Espírito Santo, que Ele derramou abundantemente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados pela sua graça, nos tornemos, segundo a nossa esperança, herdeiros da vida eterna*." (Tito 3,4-7).

O banho regenerador e renovador identifica-se, neste texto, com a efusão do Espírito Santo, indicando assim que o novo nascimento deve produzir **uma mudança substancial na vida do cristão**.

A segunda citação é retirada da carta de Pedro:

"*Bendito seja Deus, Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo, que na sua grande misericórdia nos gerou de novo − através da*

ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos – para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, imaculada e indefectível, reservada no Céu para vós, a quem o poder de Deus guarda, pela fé, até alcançardes a salvação que está pronta para se manifestar no momento final." (1Pedro 1,3-5)

Trata-se de um "Hino" a Deus–Pai, que, pela sua grande misericórdia, nos concede nascer de novo a fim de alimentar uma viva esperança cimentada na ressurreição de Jesus que serve de *ponte entre esta vida*, na qual estamos custodiados pela força de Deus – *o Espírito* – *e a herança* a que somos chamados. Juan Mateos comenta breve, mas acertadamente esta passagem: "A salvação surge, **então e ao mesmo tempo**, como presente e como futuro: novo nascimento, novo horizonte, esperança de vida eterna, *herança imorredoura, libertação final*. **A fé – entrega vital a Deus – assegura o êxito**"[22].

Vimos como *o Espírito nos faz renascer* concedendo-nos a possibilidade de sermos "Filhos de Deus". Somos, pois, chamados a crescer como pessoas adultas que caminham rumo à sua plenitude. Ou seja, não estamos sujeitos à tutela da escravatura da Lei, mas sob a liberdade do Espírito, princípio interior de actividade que não nos substitui, mas que nos alenta, nos confere o instinto do autenticamente cristão, nos fortalece e nos faz livres.

Quanto a este aspecto – *o Espírito faz-nos pessoas livres* –, vou comentar brevemente um texto significativo de S. Paulo que polemizava contra judeus que exibiam a Lei de Moisés como garantia suprema. Trata-se de uma passagem da carta aos

[22] Bíblia de J. Mateos / L. Alonso Schökel, «*Nuevo Testamento*», Ed. Cristiandad, Madrid 1987, p. 1102, nota a 1Pedro 1,3-5.

Coríntios 3,7-18[23]. Aqui estabelece-se uma oposição radical entre *Moisés e a Lei moisaica* por um lado e entre *os cristãos e o Espírito do Senhor*, por outro. (…) O ponto culminante desta passagem, de onde Paulo retira as consequências das suas convicções, é um grito clarividente e esperançoso:

---

[23] Bíblia de J. Mateos-L A Schökel, *op. cit*, p. 889, concretamente a Nota a 2 Coríntios 3,7-18: «Diferença entre Antiga e Nova Aliança: *letra/código* vs. *Espírito*. Alusão a Êxodo 34,29-35 («*a pele do seu rosto resplandecia, depois de ter falado com Deus*»), onde se descreve o esplendor do rosto de Moisés. Apesar do esplendor da sua inauguração, a Lei converteu-se num instrumento de condenação; cf. Dt 27,26 («*Maldito o que não respeitar as palavras desta lei e não as puser em prática*!»); Gálatas 3,22 («*Só que a Escritura tudo fechou sob o pecado*, para que a promessa fosse dada aos crentes pela fé em Jesus Cristo.»); o agente de reconciliação, cf. Romanos 1,17 («Pois nele a justiça de Deus revela-se através da fé, para a fé, conforme está escrito: ***o justo viverá da fé**.» … como mais tarde esgrimiu Martinho Lutero: «Em 31 de outubro de 1517, o monge alemão e professor de teologia, Martinho Lutero enviou uma carta ao arcebispo de Mainz, denunciando as práticas abusivas dos pregadores de **venda de indulgências**. A data é considerada o fator desencadeador da Reforma Protestante e comemorada anualmente como o "Dia da Reforma Protestante".*); Romanos 3,21-28: «Mas agora foi sem a Lei que se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas: a justiça que vem para todos os crentes, mediante a fé em Jesus Cristo. É que não há diferença alguma: **todos pecaram** e estão privados da glória de Deus. **Sem o merecerem**, são justificados pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus. **Deus ofereceu-o para, nele, pelo seu sangue, se realizar a expiação** que actua mediante a fé; foi assim que ele mostrou a sua justiça, ao perdoar os pecados cometidos outrora, no tempo da divina paciência. Deus mostra assim a sua justiça no tempo presente, porque Ele é justo e justifica quem tem fé em Jesus. **Onde está, pois, o motivo para alguém se gloriar? Foi excluído! Por qual lei? Pela das obras? De modo nenhum!** Mas pela lei da fé. Pois estamos convencidos de que **é pela fé que o homem é justificado, independentemente das obras da lei.»** A antiga aliança estava caduca. Acabou de chegar a aliança definitiva, que fez com que aqueloutra desaparecesse. (7-11: **«É que o pecado, aproveitando-se da ocasião dada pelo mandamento, seduziu-me e deu-me a morte, por meio dele.»**).

"Ora, o Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade." (2 Coríntios 3,17).

A primeira consequência que se tira desta rotunda afirmação é que, no âmbito cristão, *onde não existe liberdade, tampouco há Espírito do Senhor*. Podemos, pois, afirmar que, numa instituição cristã desprovida de liberdade, o Espírito de Deus está ausente, ou então não se dá a ver de modo suficientemente eficaz.

"*Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnais. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo. Mas, se vos mordeis e devorais uns aos outros, cuidado, não sejais consumidos uns pelos outros*." (Gálatas 5,13-15) (…)

A liberdade é essencial ao cristão. Não há que se preocuparem com a observância da Lei já que toda a Lei se resume ao amor ao próximo. Os limites da liberdade são demarcados apenas pelo amor, o qual, a ser autêntico, tem de se converter em *solidariedade* e em *gestos de serviço* ao(s) outro(s). *A Lei assinala onde está o mal, mas é incapaz de reprimir os instintos baixos que brotam do íntimo da pessoa*. Pelo contrário, todo aquele que procede guiado pelo Espírito – a força interior do Homem – nunca cederá aos desejos rasteiros. ***Há uma incompatibilidade absoluta entre Espírito e Lei***.

"*Caminhai no Espírito, e não realizareis os apetites baixos. Porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne; são, de facto, realidades que estão em conflito uma com a outra, de tal modo que aquilo que quereis,*

não o fazeis. Ora, se sois conduzidos pelo Espírito, não estais sob o domínio da Lei." (Gálatas 5,16-18)

A Lei proporciona àquele que está sob o seu domínio uma falsa segurança. Aquele que pratica a Lei, pensa: *pelo menos não estou enganado e, além do mais, tenho a consciência tranquila*. Acontece que, esse assim, terá de pagar um preço muito elevado que não é nem mais nem menos o de se manter escravizado e perpetuamente infantilizado, na medida em que a Lei o subjuga e lhe impõe um limite máximo intransponível, proibitivo. Quem aceita viver sob a Lei, desiste de se desenvolver como ser humano. *Sob a Lei ninguém poderá alcançar a plenitude*!

O Espírito, pelo contrário, é um dinamismo interior que projecta o crente para limites insuspeitos. Ao mesmo tempo, proporciona-lhe luz e força para amar e se manter ao serviço dos irmãos. O discípulo de Jesus está, assim, num constante desenvolvimento pessoal, assumindo, como adulto que é, os riscos da sua própria liberdade. *O amor* não apenas nos dá a liberdade para nos desenvolvermos aquando da nossa actividade, como também *simplifica a vida ao máximo*:

"*Não fiqueis a dever nada a ninguém, a não ser isto: amar-vos uns aos outros. Pois quem ama o próximo cumpre plenamente a lei. De facto: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, bem como qualquer outro mandamento, estão resumidos numa só frase: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. **O amor não faz mal ao próximo**. Assim, é no amor que está o pleno cumprimento da lei*." (Romanos 13,8-10)

Vou terminar esta reflexão com uma citação da carta aos Romanos, a qual nos faz ver a importância do Espírito Santo quanto ao tema do amor.

Com efeito, o Espírito não apenas derrama nos nossos corações o amor que Deus nos tem como nos faz experimentar quanto esse amor não tem limites e como é fonte inesgotável de actividade em prol dos demais, pois ele inunda os nossos corações.

"*A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*." (Romanos 5,5)

7. À MANEIRA DE RESUMO: *PARALELISMO ANTAGÓNICO ENTRE A LEI E O ESPÍRITO*

1 – *A Lei é algo exterior ao Homem e não ajuda a dominar os instintos primários*. Dominou, submeteu, escravizou o ser humano durante séculos – Antigo Testamento – e perdeu todo e qualquer sentido para o cristão.

2 – *O Espírito de Deus é um dinamismo interior ao ser humano*, sob cuja influência o discípulo de Jesus se realiza em liberdade enquanto pessoa adulta, amando, prestando ajuda e pondo-se ao serviço dos demais. Numa vida assim orientada e fortalecida pelo Espírito de Deus, os baixos instintos (domínio, exploração, abuso, etc.) podem ser dominados e vencidos.

3 – *A Lei impõe limites à pessoa e ao seu comportamento*. É verdade que tal pode conferir alguma segurança psicológica àquele que cumpre a Lei, mas na verdade não contribui para o desenvolvimento da pessoa. Mantém-na submissa, infantil e impede que chegue à plenitude.

4 – O *Espírito conduz o crente a horizontes inolvidáveis*. Não lhe evita os riscos próprios da liberdade, mas contribui para o desenvolvimento contínuo da pessoa e, por outro lado, dá-lhe a força necessária para perseverar no amor e no serviço ao

próximo. O crente é chamado a ser adulto e livre, quer na sua intimidade, quer na sua actividade. Graças à actividade do Espírito Santo que o Pai e Jesus nos enviam gratuita e constantemente, *o Evangelho é radicalmente novo quando comparado com o Antigo Testamento*.

5 – *Com o Evangelho cessa a mediação sagrada*, mediação estabelecida e exercida como algo fundamental no Antigo Testamento. Assim, o Novo Testamento é radicalmente novo. *O Espírito Santo é um dom totalmente gratuito*: não é um mérito proveniente da nossa conducta nem das nossas obras. Podemos pedi-lo ao Pai e a Jesus, mas *o certo é que não temos intermediários sagrados que nos facilitam o acesso a esse dom*.

6 – O mandamento do amor ao próximo, no qual se cumpre toda a Lei, pertence à vida comum das pessoas, pertence ao profano e realiza-se plenamente aquando da intervenção do Espírito que derrama o amor nos nossos corações.

Tudo o que até agora dissemos da Lei moisaica aplica-se às leis emanadas da Hierarquia eclesiástica, compendiadas na sua grande maioria no *Código do Direito Canónico*. Devemos lembrar à Hierarquia, a qual realiza funcionalmente a mediação sagrada entre Deus e os leigos, que ela não tem poder sobre o Espírito de Deus, nem lhe pode colocar limites nem fronteiras. A convicção de que o Espírito manifesta a sua pujante presença em "comunidades cristãs populares" – apesar de em muitas delas não existir 'mediação sagrada' – é uma convicção cada vez mais firme. *Graças a esta pujança do Espírito* − ao mesmo tempo que a Igreja hierárquica definha (ela, que se autodefine como "sagrada"; cf. Código de Direito Canónico N. 113 §1: «Catholica Ecclesia et Apostolica Sedes, moralis personæ rationem habent ex ipsa ordinatione divina», ou seja, "A Igreja Católica e a Sede Apostólica têm a natureza de pessoa moral *por própria ordenação divina*") − *vão surgindo em diversas partes do mundo*

comunidades cristãs cheias de vida, de entusiasmo e esperança, as quais, deste modo e sem qualquer tipo de dúvida, constituem o futuro do cristianismo.

O povo de Deus não tem de viver perpetuamente no infantilismo, submetido a leis e normas estabelecidas pela Hierarquia. Bem pelo contrário; sob a acção do Espírito, *o Povo de Deus tem de viver como um povo adulto* tendo como alvo fundamental o amor ao próximo, que, caso seja mesmo amor, se converterá *em solidariedade, serviço e ajuda aos mais necessitados*.

Já o dissemos antes: *a celebração da eucaristia, através da qual nos pomos em comunhão com o que Jesus fez e ensinou, é essencial para continuarmos a construção do reinado de Deus no nosso tempo*.

Carlos Escudero Freire, "*El Evangelio es profano*", Ediciones El Almendro, Córdoba 2011, pp. 193-232. ISBN 978-84-8005-187-3.

©

Jesus de Nazaré:

– Espírito de Deus e fé

Ao lermos os evangelhos, aquilo que nos chama a atenção é que Jesus nunca exorta os seus contemporâneos a serem bons

‘paroquianos’, nem a submeterem-se às regras e prescrições da Lei de Moisés (abluções rituais de purificação, retiro sabático, jejum, oração na sinagoga, pagamento dos dízimos no Templo de Jerusalém, etc.). Nunca exorta os seus discípulos a serem dóceis e obedientes para com as autoridades religiosas. Ele mesmo nunca se preocupou em dar o exemplo enquanto judeu observante e escrupuloso. Por outro lado, exortava-os a viverem segundo a verdade e a serem pessoas de bom coração.

Jesus distanciou-se da religião. Nunca se sentiu pressionado pelas normas e obrigações do sistema religioso do seu tempo e revelou-se um ser independente da autoridade religiosa. Nunca hesitou em criticar e condenar com extrema veemência o legalismo, o formalismo, a procura de honrarias e de prestígio e a hipocrisia das classes religiosas mais influentes.

Pela primeira vez na história da evolução espiritual da humanidade, o Homem de Nazaré ensinou que a qualidade de uma pessoa lhe advém da profundidade da sua humanidade, ou seja, a qualidade de uma pessoa reside na beleza da sua alma, na pureza do seu coração, na integridade das suas intenções, no grau da sua compaixão e na força com que ama e nunca na exuberância das suas túnicas, na elegância do seu traje, no êxito dos seus negócios, no luxo da sua casa, na potência do seu automóvel, na consistência da sua conta bancária e na facilidade sobranceira com que se eleva acima da maioria.

No “Discurso” de Jesus no capítulo 5 do evangelho de Mateus há uma frase que se repete (sete vezes) a modo de estribilho, a qual o Mestre pretende deixar bem gravada na memória dos que o escutam. Uma frase que, para ele, é sem dúvida alguma muito importante e que ele achava que também deveria sê-lo para cada um dos seus discípulos: “*Ouvistes o que foi dito aos antigos*… *Eu, porém, digo-vos*…” (Mateus 5,21-22, etc.)

Esta insistência de Jesus leva a crer que ele se terá desvinculado do seu passado religioso, que também era o passado religioso dos seus correligionários. É obvio que Jesus com esta expressão – *"Ouvistes", mas eu "digo-vos"* – está a dar a entender que aquilo no qual se acreditava e se ensinou até ali perdera relevância e valor. Jesus, através deste ensinamento insistente, parece querer dessacralizar o carácter intocável e o valor normativo da tradição religiosa e, ao mesmo tempo, relativizar a importância da Religião nomeadamente quanto à sua pretensão a ser *o único mediador* e *a autoridade única e necessária*, na relação do ser humano com a divindade.

Deste modo, *Jesus quer ensinar que não existem instituições sagradas, nem verdades absolutas, nem dogmas indiscutíveis e irreformáveis, nem regras éticas imutáveis*. Deste modo, Jesus quer que os seus seguidores se compenetrem que tudo é questionável, tudo é discutível, tudo é susceptível de ser revisto, de ser sujeito à lei universal e cósmica da evolução, da transformação, da mudança e, portanto, também da inevitabilidade da obsolescência, da decadência e da morte.

É claro que, se as igrejas cristãs e as suas hierarquias teimarem em permanecer enclausuradas e viradas para dentro delas mesmas segundo uma visão mítica da realidade e a funcionar seguindo as configurações e programas desenvolvidos no neolítico, condenar-se-ão inevitavelmente à insignificância e ao desaparecimento. Serão ignoradas e deitadas fora, tal como o fazemos com uma gabardina velha que encontramos esquecida ao fim de décadas num velho sótão; essas igrejas e hierarquias parecerão, então, demasiado antiquadas, demasiado ratadas e demasiado ridículas para que nos apeteça voltar a usá-las.

Esta é a situação frustrante e o drama em que se encontram numerosos cristãos que hoje em dia sofrem com os velhos e antiquados tamancos de madeira, demasiado pesados,

demasiado rígidos, demasiado apertados e terrivelmente incómodos com que a Igreja os obriga a caminhar.

Creio que no dia em que aquele 'reflexo automático' que consiste em associar a figura de Jesus de Nazaré a uma Religião desaparecer do inconsciente colectivo de milhares de milhões de cristãos, esse dia marcará não só uma grande conquista da Verdade e da Autenticidade do cristianismo, como será igualmente um enorme motivo de satisfacção para todos aqueles cristãos de 'mentalidade moderna' refractários à religião.

Pode acontecer que esse dia seja o dia da grande surpresa ao descobrirem a enorme mistificação de que foram vítimas por parte de uma religião que, ao oferecer-lhes durante mais de quinze séculos um Jesus falseado e adulterado sob a designação de "Cristo-Deus", os privou da alegria e do orgulho de poderem saber que a sua raça é capaz de produzir um ser humano assim deste jeito, e lhes roubou a felicidade de conformar as suas vidas guiando-as segundo os extraordinários valores humanitários que ele lhes havia deixado em herança.

Caso Jesus tivesse conhecido o cristianismo na forma católica romana que ele adoptou ao longo dos séculos, ter-se-ia sentido desconcertado diante dele e o teria repudiado com muita mais veemência e acrimónia do que aquela com que se opôs à religião judaica da sua época.

Estas considerações ajudam-nos a compreender melhor o alcance e a gravidade da deriva que sofreu "o Caminho" (ou «a via» ou «a seita»: Actos 9,2; 16,17; 19,9; 19,23; 22,4; 24,14) aberto por Jesus de Nazaré quando no século IV se transformou numa religião e num sistema oficial e hierárquico com a pretensão dum poder hegemónico. (…)

Jesus de Nazaré e o anúncio de um "outro" Deus

Enquanto os homens da religião sempre identificaram "*Theos*" com a omnipotência ou com o poder absoluto, e os indivíduos que ostentam esse poder foram considerados frequentemente "deidades" dignas de igual culto e glória, Jesus de Nazaré, ao contrário, desvalorizou totalmente qualquer forma ou manifestação de domínio ou de poder[24].

Já afirmei atrás que a natureza de Deus é inacessível ao conhecimento humano e que qualquer descrição ou definição de Deus só pode ser produto da nossa suposição e imaginação. Se é verdade que não podemos dizer nem saber com segurança nada acerca de Deus em si (a sua *essência* ou a sua *natureza*), é verdade que, no entanto, somos capazes de captar a realidade deste mundo e pensar que, a existir 'algo' e não apenas o 'nada', quiçá Deus seja o nome comum com que, desde tempos imemoriais, os humanos identificaram a Realidade Última ou o Mistério Original que está na raiz dessa Energia de Base que levou os seres à existência.

Essa Energia estaria, portanto, na origem do movimento evolutivo próprio do nosso Universo, onde tudo está em movimento seguindo *formas de ser* cada vez mais complexas e apuradas. Essa Energia Fundamental surge como uma "matriz" ou Fonte "materna", e, portanto, como uma Realidade "amorosa" e "voluntária" que gera a realidade cósmica.

No mundo, tal como o conhecemos, esta Energia Fundamental parece estar particularmente presente e activa não apenas ali onde permeou, produziu germinação e nascimento do ser, mas também e especialmente onde há caos, vazio, carência, insuficiência. Parece, então, que quando existe carência, falta, debilidade, imperfeição, fractura ela se activa para *conduzir os*

[24] Mateus 20,25-28; Marcos 10,42-45.

seres ao seu surgimento, à sua evolução, à sua complexidade e plenitude.

Como consequência, hoje em dia os homens da Ciência inclinam-se a pensar que é das profundezas abissais deste vácuo quântico original carregado de virtualidades infinitas que surgiu a imensidade, a diversidade e a beleza esmagadora dos seres que compõem a "realidade física" do nosso Universo. Esta dinâmica, que parece própria do Mistério Último, encontramo-la, assim, na percepção que Jesus tinha de Deus e que nos deixou («*A minha vida está fora de mim*!», dizia D. Bonhoeffer citando Fl 1,21 e Cl 3,4, *in* "Ética", Assírio & Alvim, 2006, p. 214).

Jesus experimentou Deus como uma Realidade ou Força que se entrega a si mesma e, ao dar-se, cria, transforma, renova, cura, completa, aperfeiçoa e realiza. Esta experiência animará toda a sua acção e determinará a direcção e a qualidade da sua vida. Esta experiência o transformará na «*pessoa para os outros*[25]» (Dietrich Bonhoeffer) que, por sua vez, curará e dará ânimo a todos aqueles que passem por situações de imperfeição, pobreza e debilidade. Jesus reconheceu-se como pessoa apenas

---

[25] «Quem é Deus? A questão central implicada nesta pergunta não consiste numa fé genérica na omnipotência de Deus, etc. Essa fé não resulta de uma genuína experiência de Deus; apenas prolonga a experiência do mundo. Um encontro com Jesus Cristo: esta experiência deve produzir uma cambalhota de toda a existência humana, pelo simples facto de Jesus "não existir senão para os outros". *Este "ser para os outros" de Jesus é a experiência da transcendência*! Só a partir da liberdade de si mesmo, de "ser para os outros" até à morte, é que nasce a omnipotência, a omnisciência e a omnipresença. A fé é a participação neste ser de Jesus (encarnação, cruz, ressurreição). **A nossa relação com Deus não é uma relação "religiosa"** com o mais alto Ser, o mais poderoso e melhor Ser que possamos imaginar – isto não é a genuína transcendência –, mas uma nova vida neste "ser para os outros", ou seja, uma nova vida a partir da *participação no ser de Jesus*.» (D.B., "Esbozo de un trabajo" in «Resistencia y sumisión – Cartas y apuntes desde el cautiverio», Sígueme 2008, p. 220)

aquando e na profundidade desta relação amorosa estabelecida com a Realidade Última, realidade que para ele estava revestida de todas as características de **um Ser pessoal infinitamente amoroso**[26].

Já que Jesus foi a "pessoa" que foi, graças à qualidade da sua relação de amor que manteve com o seu Deus, há que concluir que qualquer pessoa que configure a sua existência seguindo as orientações, atitudes e valores próprios da vida deste Mestre, não só se realiza em humanidade como se converte, tal como ele se converteu, em sinal e manifestação da presença do "novo", do "inaudito", do "incomparável", do "divino" e, por fim, do verdadeiramente "humano" aqui neste nosso mundo (tal como Dietrich Bonhoeffer[27] fez).

---

[26] Leonardo Boff, "A Amorosidade do Deus-Abba e Jesus de Nazaré", VOZES 2023.

[27] «No momento em que um homem aceita a responsabilidade para com outros homens – *e só assim é que ele está dentro do real da realidade* – nasce a situação ética genuína, que se distingue essencialmente da *abstracção* com a qual o homem procura resolver o problema ético, mas de um modo incomparável. O sujeito da acção deixa de ser o indivíduo isolado, mas aquele que é responsável por outros homens; a **norma do agir** não é um princípio universalmente válido, mas '**o ser humano meu-próximo, concreto e do modo que Deus mo deu'**; a decisão já não incide sobre um *bem* e um *mal* distintos entre si, mas consiste numa arriscada fé confessada perante *a ocultação do bem e do mal no concreto da situação histórica*.» (D. Bonhoeffer, «Ética», Assírio & Alvim 2006, pp. 190-191) «O "amor" não existe como qualidade humana, antes como uma *real pertença recíproca*, uma real coexistência do homem com o homem e com o mundo em virtude do amor de Deus por mim e por eles. Assim como o amor de Deus entrou no mundo e se expôs aos mal-entendidos e às ambiguidades de toda a realidade mundana, assim também o amor cristão só existe no seio da realidade mundana, na riqueza infinita do agir mundano concreto, sujeito a todas as falsas interpretações e condenações. *Toda a tentativa de propor um cristianismo do amor "puro", destilado de todas as "impurezas" mundanas, é falso purismo e perfeccionismo*, que despreza a encarnação de Deus e partilha o destino de todas as ideologias.

Como esta *qualidade do amor* lhes parecia, aos discípulos de Jesus, por um lado, totalmente nova e, por outro, absolutamente extraordinária, cogitaram que deveria ser impossível que 'o homem de Nazaré' pudesse ter encontrado a capacidade para tal amor nas suas paupérrimas "especializações" ou na sua condição humana que, por definição, é de natureza limitada. Os discípulos chegaram à conclusão (não racional ou metafísica) de que essa capacidade e essa qualidade desse Amor eventualmente lhe adviera de alhures … que Deus estava nele, que Deus actuava através dele, que a Energia amorosa da "Realidade Última" encontrara uma receptividade e uma ressonância muito fortes no «Homem de Nazaré»[28] e que, através dele endireitava e curava o mal do mundo.

Os discípulos de Jesus de Nazaré tinham a impressão (e não a demonstração) de que *o Amor Original* (Deus) *encarnara e se humanizara* e que, de ora em diante, este indivíduo se tornara não só a morada privilegiada de presença divina como também o protótipo e o paradigma de uma humanidade realizada segundo o plano e as expectativas de Deus. A pessoa de Jesus surgia-lhes assim como *um* lugar da manifestação e de *uma* densidade única das forças do Amor em todo o nosso Universo.

O Deus de Jesus, uma energia no seio da indigência dos seres

Os primeiros documentos cristãos escritos (Novo Testamento) são unânimes quando relatam as impressões dos

---

Como Deus não era demasiado puro para não poder entrar no mundo, também a pureza do amor consistirá em não se manter longe do mundo, mas manifestar-se justamente na sua forma mundana. Assim, torna-se, não só possível, mas forçoso conceber *o agir histórico como agir cristão, como o agir que brota do amor encarnado de Deus*.» (*Ibidem*, p. 207)

[28] "Jesus ***disse-lhe***: «Vai, ***a tua fé*** te salvou!»" (Marcos 10,46-52)

primeiros discípulos de Jesus, convencidos de estarem a ser testemunhas de uma presença singular de Deus na vida do seu Mestre. Estes documentos apresentam Jesus como alguém que nasceu de Deus, que veio de Deus, que estava estruturado e moldado pela acção de Deus. Nos evangelhos, Jesus afirma conhecer a vontade de Deus, possuir o espírito de Deus e a palavra de Deus. *Jesus proclamar-se-á em íntima união com esse Deus que o habita e a quem chama ternamente "Abba-Pai*". A Primeira Carta de João (1João 4,7) contém outras afirmações de Jesus – todas igualmente surpreendentes – as quais, segundo o Autor dessa Carta, reflectem sem qualquer dúvida os sentimentos e os pensamentos de Jesus: «O amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus (…). Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.» (v.16). «Nós amamo-nos uns aos outros, porque Ele nos amou primeiro.» (v.19)

Se durante a vida e aquando do comportamento de Jesus as Energias divinas do Amor – que criam, recriam e aperfeiçoam os seres – puderam manifestar-se e explicar-se de maneira tão notável, não será de estranhar que foram sobretudo os "pequenos", os humildes, os despojados, os débeis, os enfermos, os fracassados da vida os primeiros a sentir que este homem irradiava a fragância de Deus e que Deus lhes acenava através desse homem.

Jesus considerava-se a si mesmo um pobre, pois tudo o que era e tinha lhe vinha de Deus. Jesus ensinou que somos todos mendigos e que só existimos e temos qualidade e valor por causa da abundância de generosidade, de riqueza de dons e de gratuidade do amor de Deus. Porque tudo o que somos e tudo o que temos é um dom gratuito, sobra-nos apenas um "dever" para com os demais: *dar, partilhar, ajudar, servir, amar*.

No centro da vida e da mensagem de Jesus está, pois, a proclamação de que Deus se revela na miséria humana, já que é aí que está a angústia e a necessidade de amor. Aí onde carece Amor, aí Deus está presente. Para Jesus isso é o outro, sobretudo se pobre – *esta expressão, "pobre", deverá ser tomada num sentido muito amplo de carência ou privação de tudo o que dá valor e dignidade a uma existência humana*. *O "outro-pobre" é o lugar privilegiado da presença e da manifestação de Deus neste mundo*. Na Parábola do Juízo Definitivo[29], Jesus afirmará que aquilo que fizermos àquele que está a passar necessidades é a Deus que fazemos. Jesus disse que foi Lázaro (Lucas 16,19-31), pobre e cheio de feridas, quem, à porta do rico egoísta, implorou as migalhas que caíam da mesa do rico e que no final da sua vida descobriu que estava vivo em Deus (v.22). A mensagem de Jesus desqualifica todas as formas e expressões de poder, de superioridade, de preeminência que tenham como objectivo explorar, oprimir, submeter, rebaixar e degradar os outros. Jesus exaltava, apenas, as atitudes de bondade, de disponibilidade, de acolhimento, de dedicação, de serviço amoroso, desinteressado e fraterno, as quais ele englobava sob a designação de "**fé**".

Para Jesus, ter fé nunca foi "crer" em verdades abstractas ou aceitar afirmações dogmáticas como verdades indiscutíveis. **Para Jesus, "crer" nem é sequer crer em Deus.** Para Jesus, a pessoa que tem fé é a que tem um coração terno e cheio de amor ao próximo. O 'ser humano com fé' é o que é capaz de 'sair de si' para se centrar nos outros, para se entregar aos outros, sobretudo aos débeis e desamparados. Para Jesus, só o indivíduo que possua *este tipo de fé* possui o verdadeiro Espírito de Deus, Espírito esse que, uma vez assumido pelo ser humano como **o seu projecto de vida**, robustecerá a "espiritualidade" do indivíduo.

---

[29] Mateus 25

É por isso que Jesus louva a fé do Centurião romano, o qual, atirando para trás das costas a sua importância social, se preocupa e ocupa, com enorme solicitude e ternura, da saúde do seu escravo «paralisado no leito e sofrendo terrivelmente»[30]. Comovido com a sinceridade da compaixão e do amor deste militar graduado para com o seu escravo gravemente enfermo, Jesus não se contem e exclama: "Em verdade vos digo: Não encontrei ninguém em Israel com tão grande *fé*!"[31]

Nos Evangelhos, a fé que Jesus frequentemente proclama e admira é a fé que encontra em pessoas que até nem são especialmente religiosas, mas que são sem dúvida alguma muito humanas, pois são muito sensíveis e espirituais (o Centurião romano, a mulher cananeia, o Bom Samaritano da parábola e a samaritana que estava junto ao poço de Jacob, etc.). De facto, digamos assim: estas pessoas acreditam inconsciente e instintivamente na presença de um Mistério de bondade, de benevolência, de profunda comunhão que vincula cada criatura com o Todo de tudo o que existe[32].

Bruno Mori, "*Por un cristianismo sin religion – volver al «Camino» después del colapso de la religión*", NTA-4, 20 junio 2021, pp. 198-209. Edição em francês: Bruno Mori, «*Pour un christianisme sans religion – Retrouver la "Voie" de Jésus de Nazareth*», Karthala, Paris 2021.

---

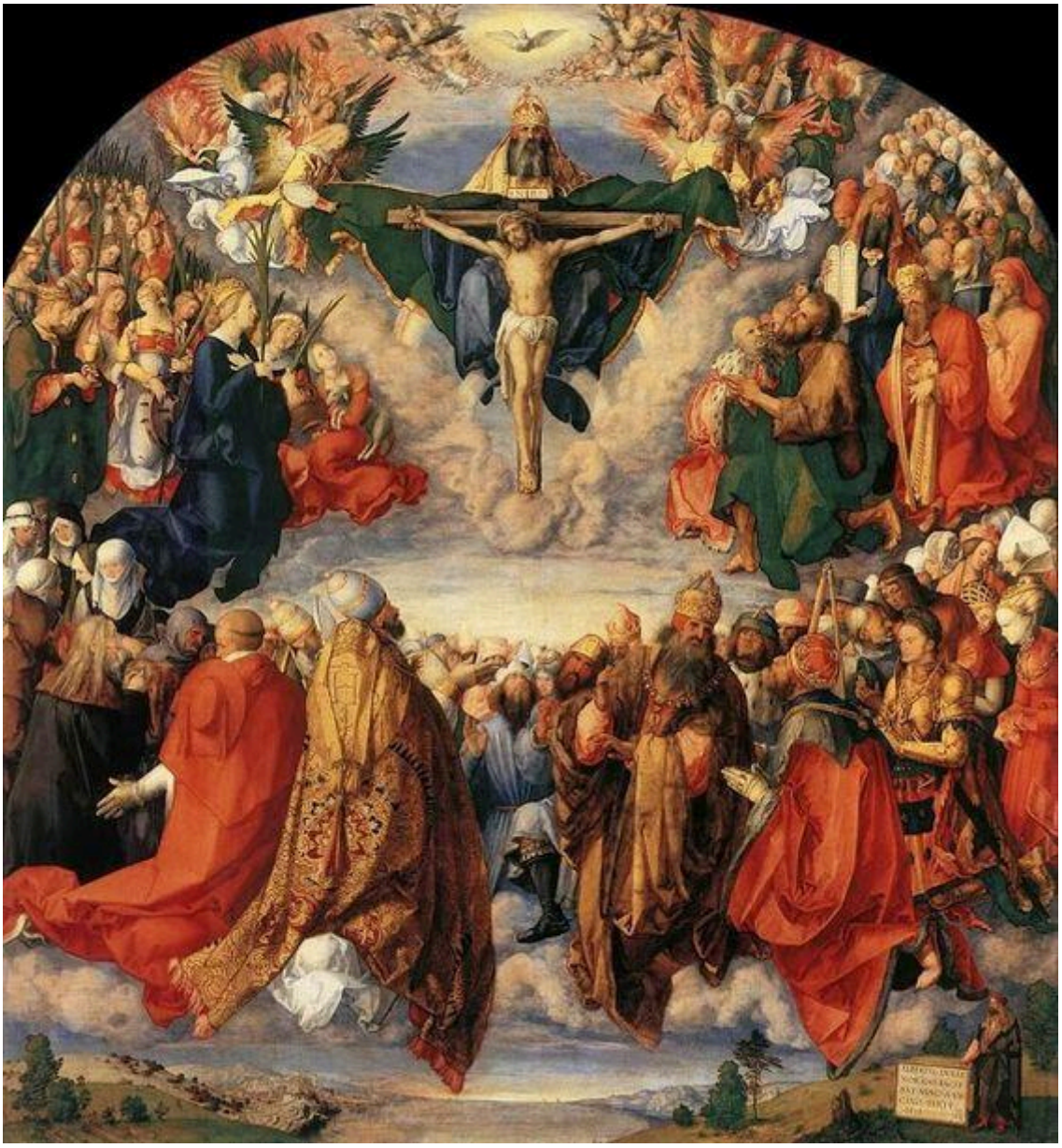
[30] Mateus 8,5-13

[31] Lucas 7,1-10; João 4,46-54.

[32] Digamos que, assim como existe cosmogénese no Universo, o qual consiste em um contínuo surgimento de formas de ser e de vida, também existe uma antropogénese constituída pelo constante aparecimento, no ser humano, de perdas, complementos e novas potencialidades.

Livro Digital: Ed. “Nuevo Tiempo Axial – N. 4” [NTA-4], Coord. José María Vigil y Santiago Villamayor

https://www.academia.edu/49148615/NTA4_Bruno_MORI_Por_un_cristianismo_sin_religi%C3%B3n_Volver_al_Camino_despu%C3%A9s_del_colapso_de_la_religi%C3%B3n_Presentaci%C3%B3n_Judith_RESS_Ep%C3%ADlogo_Juan_Antonio_SANDOVAL_Versi%C3%B3n_release_1_1_210620_



‘Não’ a um Deus separado

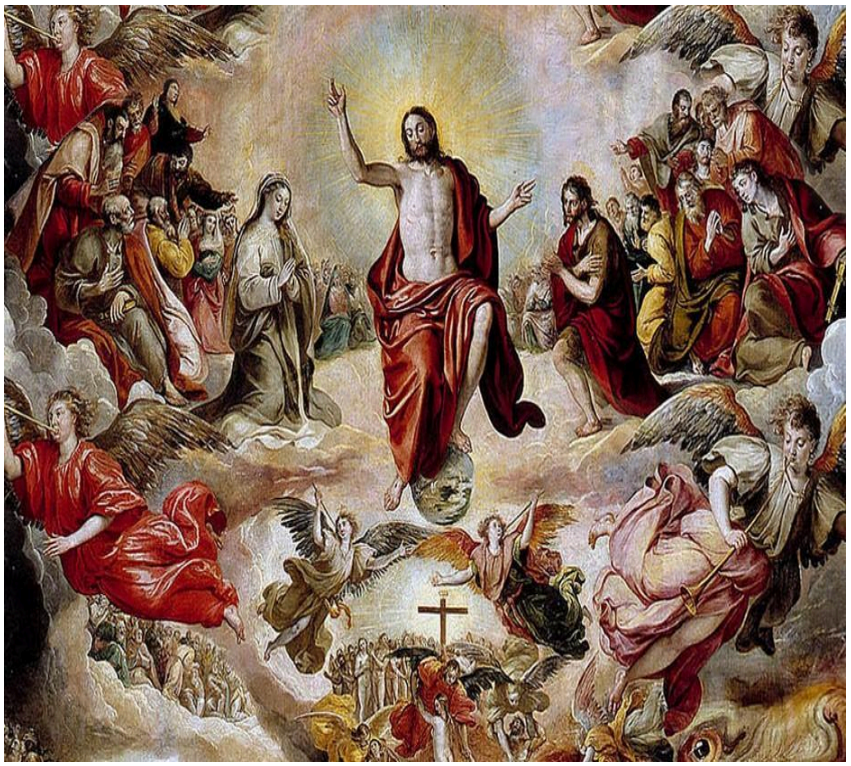
Deus “separado” quer dizer que é um deus “identificado” como ‘algo distinto’ passível de ser controlado, definível como um dos entes da realidade. Tendo em atenção o que dissemos no vídeo anterior − «*Deus não é um ente*» −, Deus não pode ser concebido assim.

Se não é um ente, não é um algo (nem é alguém). Não é possível pegar nele e arrumá-lo na prateleira ou acrescentá-lo à lista da mercearia. Portanto, não podemos falar dele como de algo diferente, à parte, separado, sobretudo à parte e diferente do mundo…

Importa ter bem presente que em 99% do nosso falar sobre Deus (teologia, Bíblia, orações litúrgicas, oração pessoal e praticamente todas as meditações pessoais incluindo a «meditação sem palavras») concebe-se e descreve-se deus desta maneira: algo à parte, separado, distinto, que está aí (fora) ou além (acima) ou num antes (preexistindo a toda a realidade, a sós no tempo desde sempre, desde a origem dos tempos). Deste deus EXTERNO falamos, com ele pretendemos comunicar, ante ele eu rezo…

Estamos há milhares de anos dentro daquilo a que chamamos «teísmo». Durante este longo tempo sempre se achou que a realidade tinha dois níveis: este mundo e um piso superior. E sempre se achou que ali em cima tinha de habitar Alguém, um Alguém superior, um Super-Ente diferente e separado, anterior a tudo o mais, etc., que a partir de agora denominaremos **«theos»**: um deus (separado, diferente) do lado de fora, lá no alto, que nos observa de frente, que enfrenta o mundo, preexistindo na sua solidão desde antes do começo dos tempos.

Superar este tipo de pensamento, apercebermo-nos de que isso é apenas uma expressão filosófica derivada da cultura (e da incultura) daqueles tempos, chegar à conclusão de que não se trata de uma revelação, nem de uma evidência, mas apenas filosofia bem concreta e que por isso é discutível e que hoje em dia ninguém a aceita mais … faz com que caiamos na conta de que somos livres: podemos aceitá-la se ela nos convence, mas também podemos rejeitá-la caso não nos convença.



É nisto em que consiste a *transformação pós-teísta da religiosidade*. A tradição incluíra essas características do «theos» como próprias do mistério da Realidade. Num tempo de cultura metafísica como era aquele tempo, pareceu (parecia-lhes) óbvio que esse mistério inexpressável e nunca totalmente captável, tinha de estar suportado por aquele Super-Ente metafísico, ele, distinto, diferente, Alguém mais do que algo, Kyrios, omnipotente, eterno, pessoal como nós, ainda que incorpóreo, celestial…. Há muito que a cultura moderna desnudou esse imaginário metafísico. **Estamos numa cultura pós-metafísica** – obviamente, não em todas as latitudes, mas cada vez mais caminhando para lá – e já não é credível que aí em cima, aí fora e lá atrás, antes de tudo, houvesse e continue a haver um Senhor, um Super-Ente, algo-Alguém, externo a quem possamos continuar a chamar Deus. Até poderíamos continuar a acreditar em Deus – no mais fundo daquela nossa crença quando dizíamos

que acreditávamos nele – desde que incluíssemos nessa mesma afirmação que já não cremos em «theos» (esse Ente-Algo-Separado-preexistente, etc.), desde que já não acreditássemos naquele "edifício" que durante tanto tempo nos pareceu ser 'o núcleo da questão'. **Essa construção, esse edifício, enquanto objecto de fé, ruiu**. Chegou até ao nosso tempo! Como foi possível durar tanto? É um espanto! E parece que tem ainda muita vida, sobretudo naquelas regiões que resistem à modernidade e à pós-metafísica. Contudo, nas regiões do planeta em que a humanidade possui mais espírito crítico, procuram-se outras praias: pós-teístas.



É relativamente fácil entender isto do "pós-teísmo". No entanto, não é fácil assimilá-lo, caso seja a primeira vez que o leitor ouve falar dele. Não desista. Dedique tempo a escalar esta ideia na sua mente e na sua consciência. Apoie-se em alguma literatura, de modo a verificar que não se trata de nenhuma ideia

descabelada, mas algo muito sensato, que, no entanto, exige que nos abramos a novos pontos de vista e sobretudo a testemunhos de pessoas cuja honestidade e boa fé você conhece bem de antemão: elas testemunham que continuam a ir em frente com o mesmo Amor e com a mesma Esperança do passado, mas sem "acreditar-à-letra" ('*ipsis verbis*') naquelas crenças religiosas metafísicas que lhes inculcaram e que nos meteram na cabeça a todos nós que viemos de uma cultura cristã, de cuja boa intenção (e desactualização) ninguém duvida.

Leia por exemplo, do saudoso **Roger Lenaers,** o livro «Aunque no hay un Dios ahí arriba. Vivir en Dios sin dios», da Colección Tiempo Axial, de acesso público, gratuito, na rede:

http://tiempoaxial.org/

Ou pequenos Artigos:

– «Una fe cristiana sin Theos», Alain Durand

– «Una nueva comprensión de la Revelación», José María Vigil

– «Después de las Religiones: una nueva época para la espiritualidade humana», Coord. Santiago Villamayor, José Maria Vigil

– «El nuevo paradigma cristiano es pos-religional», Jesus Gil Garcia, Documentos Del Ocote Encendido, N. 102 Marzo 2020.

Consulte a Revista Electronica Latinoamericana de Teología:

Revista RELaT - Servicios Koinonia

Número 430 - «El no teísmo como ultimo paso», Roger Lenaers

Número 436 - «Las doce tesis. Llamada a una nueva Reforma», John Shelby Spong

Número 391 - «El fin de la metafísica dogmática», Don Cupitt

Número 397 - «El mundo como cuerpo de Dios. Dios y el Mundo», Sally McFague

Ou, então, “google” «Después de dios. Outro modelo es posible» e DESCARREGUE.

José Maria Vigil